

LEIA NESTA COLEÇÃO

John Reed
DEZ DIAS QUE ABALARAM O MUNDO

Maiakovsky
POÉTICA - COMO FAZER VERSOS,

Karl Marx
A ORIGEM DO CAPITAL:
A ACUMULAÇÃO PRIMITIVA

Marta Harnecker
O CAPITAL: CONCEITOS FUNDAMENTAIS

Marx/Turgot
TEORIAS DA MAIS-VALIA: FISIOCRATAS

Alexandra Kollontai
A NOVA MULHER E A MORAL SEXUAL

Leon Trotsky
COMO FIZEMOS A REVOLUÇÃO,

Wilhelm Reich
PSICOPATOLOGIA E SOCIOLOGIA DA VIDA SEXUAL

Lenin
AS TRÊS FONTES E AS TRÊS PARTES CONSTITUTIVAS DO
MARXISMO

Stalin
MATERIALISMO DIALÉTICO E MATERIALISMO HISTÓRICO.

Lenin
COMO ILUDIR O POVO

Marx
DIFERENÇA ENTRE AS FILOSOFIAS DA NATUREZA EM
DEMÓCRITO E EPICURO.

Engels
DO SOCIALISMO UTÓPICO AO SOCIALISMO CIENTÍFICO.

Leon Trotsky
AS LIÇÕES DE OUTUBRO

Samora Machel, Alexandra Kollontai, J. Posadas, P. Lafargue, Vito Kapo e
outros.
A LIBERTAÇÃO DA MULHER

Marx, Engels.
SOBRE LITERATURA E ARTE

Marx, Engels, Lenin.
SOBRE A MULHER

Malatesta, Bakunin, Kropotkin
O ANARQUISMO E A REVOLUÇÃO

Althusser, Badiou
MATERIALISMO HISTÓRICO



O socialismo libertario /



FCH 045444



global editora

BAKUNIN

O SOCIALISMO LIBERTÁRIO



TEORIA
TEORIA
TEORIA
TEORIA

colecção bases

22

SOCIALISMO LIBERTÁRIO

3/531
B
2.

045444
FCH

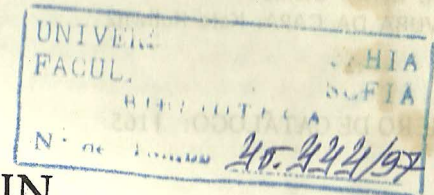
global editora

O DOAÇÃO 18.04.94
ANA RAQUEL S. BARRETO

SOCIALISMO

LIBERTÁRIO

BAKUNIN



Copyright © 1979

GLOBAL EDITORA E DISTRIBUIDORA LTDA.

TRADUÇÃO da versão francesa por Olinto Beckerman

REVISÃO: Armandina Venâncio

MONTAGEM: Marcos Duarte

FOTOLITO: Carlos N. Couto

CAPA: Carlos Clémen

GRAVURA DA CAPA: Kate Kollwitz

NÚMERO DE CATÁLOGO: 1165

DIREITOS RESERVADOS por



global editora e distribuidora ltda.

Rua França Pinto, 836 - Cep 04016 - Fone: 549-3137
Cx. Postal 45329 - 01000 - V.Mariana - S. Paulo - S.P.

COMPOSTO por

Marcio José de Aguiar Duarte

Rua Joinville, 628 - CEP 04008 - São Paulo

IMPRESSO NA EDITORA PARMA

Rua da Várzea, 394 - São Paulo

A DUPLA GREVE DE GENÈVE

Os burgueses nos provocam. Tentam por todos os meios nos fazerem avançar, pensando, e com razão, que seria bom para eles nos forçar a travar o combate hoje mesmo.

Eles nos caluniam e nos insultam em seus jornais; deturpam, falseiam e inventam fatos, contando com as simpatias do seu público, que tudo lhes perdoa, providenciando para que os burgueses, os patrões, sejam desculpados e os trabalhadores denegridos. Segura da impunidade e da simpatia, o *Jornal de Genève* sobretudo, devoto mentiroso, calunia como nenhum outro.

Não se contentam em insultar-nos e provocar-nos nos seus escritos; desejando nos fazer perder a paciência, recorrem a ações práticas. As suas tristes crianças, essa juventude doirada, cuja ociosidade corrupta e vergonhosa detesta o trabalho e os trabalhadores; esses acadêmicos (1), sábios em teologia e ignorantes na ciência, esses liberais da alta burguesia, descem à rua, como no ano passado, reúnem-se nos cafés, com armas mal disimuladas nos bolsos. Dir-se-ia desconfiarem de um ataque por parte dos operários, que eles seriam obrigados a repelir.

Mas será que acreditam nisso verdadeiramente? Não, com certeza que não, mas fingem crer, para terem um pretexto para se armarem e motivo para atacarem. Sim, para atacar, porque quarta-feira passada, ousaram deitar a mão a alguns dos nossos companheiros que, a todos os seus insultos tinham respondido com frases bastante desagradáveis para os delicados ouvidos como são os deles, mas que não lhes tinham nem sequer tocado. *Deram-se ao luxo de os prenderem* e de os maltratarem durante umas horas, até que uma comissão, enviada pela Associação Internacional à Câmara, foi reclamar.

O que é que pensam os burgueses? Quererão eles realmente

(1) Os estudantes da Universidade (dizia-se então: "Academia") de Genève.

forçar-nos a vir também para a rua de armas na mão? Sim, querem. E por que querem eles? A razão é muito simples: eles querem acabar com a Internacional.

Basta ler os jornais burgueses, isto é quase todos os jornais do país, para nos apercebermos de que se há hoje algo que é objeto de medo e de terror para a burguesia da Europa, é a Associação Internacional dos Trabalhadores. E como é necessário ser justo, antes de mais nada, mesmo para com os adversários mais encarniçados, devemos reconhecer que a burguesia tem imensa razão em detestar e temer essa formidável associação.

Toda a prosperidade burguesa, enquanto prosperidade exclusiva de uma classe exclusiva, é baseada na miséria e no trabalho forçado do povo, forçado não pela lei, mas pela fome. Esta escravatura do trabalho é chamada, é verdade, nos jornais liberais como o *Jornal de Genève*, a liberdade do trabalho. Mas esta estranha liberdade é comparável a de um homem desarmado e nu, a quem se deixasse à mercê de um outro armado dos pés à cabeça. É a liberdade de se ser esmagado, espancado — é esta a liberdade burguesa. Compreende-se perfeitamente que os burgueses a adorem e que os trabalhadores não a suportem; porque esta liberdade é para os burgueses a riqueza, e para os trabalhadores a miséria.

Os trabalhadores estão fartos de serem escravos. Eles amam a liberdade mais dos que os burgueses, eles compreendem muito bem, sabem, através duma dolorosa experiência, que sem liberdade não pode haver para o homem dignidade, nem prosperidade. Mas não compreendem a liberdade sem a igualdade; porque a liberdade na desigualdade é o privilégio, isto é, a felicidade de alguns fundada sobre o sofrimento de todos. — Eles querem a igualdade política e econômica simultaneamente, porque a igualdade política sem igualdade econômica é uma farsa, uma mentira, eles estão fartos de mentiras. — Os trabalhadores estão necessariamente voltados, portanto, para uma transformação radical da sociedade que tenha como fim a abolição de classes quer do ponto de vista econômico, quer do ponto de vista político, e uma organização em que todos os homens nascerão, se desenvolverão, se instruirão e usufruirão dos bens necessários à vida, em condições de igualdade para todos. — Assim o exige a justiça, e este é o fim último da Associação Internacional de Trabalhadores.

Mas, como chegar, do abismo da ignorância, da miséria, da escravatura em que vivem os proletários dos campos e das cidades, a este paraíso, a esta realização da justiça e de humanidade sobre a terra? — Para tal, os trabalhadores têm apenas um meio: a associação. Através da associação, instruem-se, esclarecem-se mutuamente e põem fim, por si próprios, a esta fatal ignorância que é uma das principais causas da sua escravatura. Através da associação, aprendem a se ajudarem, a se conhecerem, a se apoiarem mutuamente, e acabarão por criar um poder muito maior do que o de todos os capitais burgueses e poderes políticos juntos.

A associação tornou-se, pois, a palavra de ordem dos trabalhadores de todos os ofícios e de todos os países, sobretudo nestes últimos vinte anos, e toda a Europa está minada, como que por encanto, por uma multidão de associações operárias de todos os tipos. É, sem sombra de dúvida, o acontecimento mais importante e ao mesmo tempo mais consolador da nossa época, — o sinal infalível da emancipação total que se avizinha do trabalho e dos trabalhadores na Europa.

Mas a experiência destes mesmos vinte anos provou que as associações isoladas eram quase tão impotentes como os trabalhadores isolados, e que mesmo a federação de todas as associações operárias de um país apenas não bastam para criar um poder capaz de lutar contra a coligação internacional de todos os capitais exploradores, do trabalho na Europa; a ciência demonstrou, por outro lado que a questão da emancipação do trabalho não se trata de uma questão nacional; que nenhum país, mesmo que seja grande, poderoso, rico, pode, sem se arruinar e sem condenar todos os seus habitantes à miséria, empreender nenhuma transformação radical das relações do capital e do trabalho, se tal transformação não se fizer igual e simultaneamente pelo menos na maior parte dos países mais industrializados da Europa, e que, conseqüentemente, a questão da libertação dos trabalhadores do jugo do capital e dos seus representantes, os burgueses, é uma questão eminentemente internacional.

Daqui resulta que a solução só é possível no quadro do internacionalismo.

Operários inteligentes, alemães, ingleses, belgas, franceses e suíços, fundadores da nossa bela instituição compreenderam isto. Compreenderam também que para realizar esta magnífica

obra de emancipação internacional do trabalho, os trabalhadores da Europa, explorados pelos burgueses, oprimidos pelos Estados, devem contar apenas com as suas próprias forças. Foi assim que se criou a grande Associação Internacional dos Trabalhadores.

Sim, verdadeiramente grande e formidável! Conta apenas quatro anos e meio de existência e engloba já várias centenas de milhares de adeptos espalhados e estreitamente ligados em quase todos os países da Europa e também na América. Uma idéia e uma obra que produzem tais frutos em tão curto espaço de tempo só podem ser uma idéia salutar e uma obra legítima. Será uma idéia secreta, uma conspiração? De modo nenhum. Se a Internacional conspira, faz à luz do dia, e diz a quem quiser ouvir. E que diz? Que exige? A justiça, nada mais do que a justiça, o direito da humanidade e o direito ao trabalho para todos. Se esta idéia parece subversiva e vergonhosa para a sociedade burguesa atual, tanto pior para ela.

É uma obra revolucionária? Sim e não. É revolucionária no sentido em que pretende substituir uma sociedade fundada sobre a corrupção, sobre a exploração da imensa maioria dos homens por uma minoria opressora, sobre o privilégio, sobre a ociosidade e sobre uma autoridade que protege tudo isto, por uma sociedade fundada sobre a justiça igual para todos e sobre a liberdade de todos. Quer, em resumo, uma organização econômica, política e social na qual todo o ser humano sem prejuízo das suas particularidades naturais e individuais, encontre uma igual possibilidade de se desenvolver, instruir, pensar, trabalhar, agir e desfrutar a vida como um homem. Sim, quer isto, e mais uma vez, se o que ela quer é impossível com a organização atual desta sociedade, tanto pior para esta sociedade.

A Associação Internacional é revolucionária no sentido de querer chegar à destruição violenta da ordem política atualmente existente na Europa? Não: pouco se preocupa com esta política, melhor, não se preocupa absolutamente nada com esta política. Também os revolucionários burgueses não têm por ela grande simpatia devido à indiferença testemunhada relativamente aos seus anseios e projetos. Se a Internacional não tivesse ainda compreendido que qualquer política burguesa, mesmo que pareça vermelha e revolucionária, conduz não à emancipação dos trabalhadores, mas à consolidação da sua escravatura, o jogo

miserável dos republicanos e mesmo dos socialistas burgueses na Espanha seria suficiente para lhe abrir os olhos.

A Associação Internacional dos Trabalhadores, afastando-se de todas as intrigas políticas atuais, conhece neste momento uma só política, a da sua propaganda, a do seu desenvolvimento e da sua organização. — No dia em que a grande maioria dos trabalhadores da América e da Europa ingressarem no seu seio e se organizarem, não haverá necessidade de revolução; a justiça se fará sem violência. E se então houver algumas cabeças partidas, é porque os burgueses assim o quiseram.

Com mais alguns anos de desenvolvimento pacífico, a Associação Internacional se tornará uma força contra a qual será ridículo combater. Eis o que os burgueses compreendem demasiadamente bem e eis porque hoje nos incitam para a luta. Esperam ainda poder separar-nos (1), mas sabem que amanhã será demasiado tarde. Querem portanto forçar-nos a travar batalha hoje.

Operários, cairemos nesta grosseira armadilha? Não. Daríamos muito prazer aos burgueses e arruiná-los, por muito tempo, a nossa causa. Temos pelo nosso lado a justiça e o direito, mas a nossa força não é ainda suficiente para lutarmos. Escondamos no coração a nossa indignação, continuemos firmes, inquebrantáveis, mas calmos, sejam quais forem as provocações dos moleques impertinentes da burguesia. — Soframos ainda; não estamos nós habituados a sofrer? — Soframos, mas não esqueçamos nada.

E, enquanto esperamos, continuemos, redobremos, alarguemos ainda mais o trabalho da nossa propaganda.

É preciso que os trabalhadores de todos os países, os camponeses, como os operários das fábricas e das cidades saibam o que quer a Associação Internacional, e compreendam que não há, fora dela, nenhum outro meio sério de emancipação; que a Associação Internacional é a pátria de todos os trabalhadores oprimidos, o único refúgio contra a exploração dos burgueses, a única força capaz de destruir o poder insolente dos burgueses.

Organizemo-nos, alarguemos a nossa associação, mas não nos esqueçamos de, ao mesmo tempo, a consolidarmos, a fim de que a nossa solidariedade, que é toda a nossa força, se torne

(1) Talvez se devesse ler: esmagar-nos.

O MOVIMENTO INTERNACIONAL DOS TRABALHADORES

Se há algo que seja alvo das atenções dos conservadores mais ranzinhas, é o movimento cada vez mais geral e mais forte das massas operárias, não só na Europa como na América. Que os homens de Estado e os políticos, aristocratas e burgueses, de todos os países se inquietam, temos disso provas nos discursos que pronunciam; não deixam escapar uma só ocasião que seja para exprimir as suas simpatias tão profundas e sobretudo tão sinceras por esta massa tão numerosa e tão *interessante* de trabalhadores, que, depois de ter servido durante todos estes séculos de pedestal passivo e mudo a todas as ambições e a todas as políticas do mundo, se cansou enfim de desempenhar um papel tão pouco lucrativo e tão pouco digno, e anuncia hoje a sua firma vontade de não viver nem trabalhar mais, senão para si própria.

É preciso ser dotado de uma grande dose de estupidez, é preciso ser cego e surdo para não reconhecer importância a este movimento. E quem quer que tenha conservado um mínimo de vida e de bom-senso, que não tenha sido corrompido por interesses ou doutrinas, reconhecerá, como nós, que só um movimento não se traduz por uma agitação ridícula e estéril, e traz no seu seio o futuro: o movimento internacional dos trabalhadores.

E fora do movimento, o que é que resta? Antes de mais, e acima de tudo, uma coisa sem dúvida muito respeitável, mas improdutiva e ainda por cima ruínosa: a brutalidade organizada dos Estados. Em seguida, sob a proteção desta brutalidade, a grande exploração financeira, comercial e industrial, a grande espoliação internacional; alguns milhares de homens internacionalmente solidários entre si e dominando, através do poder dos seus capitais, o mundo inteiro.

Em plano inferior, a média e a pequena-burguesia, classe outrora inteligente e desembaraçada, mas hoje sufocada, aniqui-

lada e lançada no proletariado pelas progressivas conquistas dos barões das finanças. Ela encontra-se numa situação de tal modo miserável que junta todas as vaidades dum mundo privilegiado com todas as misérias reais dum mundo explorado. É uma classe condenada pela sua própria história e psicologicamente mantida sob controle. Antes marchava na frente, era esse o seu poder; hoje recua, tem medo, condena-se a si própria à destruição. Se ela tivesse guardado um pouco dessa vitalidade, um pouco desse fogo sagrado que lhe permitiu conquistar o mundo no passado, ela teria encontrado em si própria a coragem para reconhecer que se encontra hoje numa situação impossível, e que a menos que faça um esforço heróico estará para todos os efeitos perdida, desonrada, arruinada e ameaçada de perecer na confrontação. Duas potências apenas existem hoje, e preparam-se para o embate fatal: a potência do passado, representada pelos Estados, e a potência do futuro, representada pelo proletariado.

Que esforço a poderia ainda salvar, não como classe, obviamente, mas como agregado de indivíduos? — A resposta é muito simples: *empurrada pela força das coisas para o proletariado, a média e sobretudo a pequena-burguesia deveriam nele entrar livremente, de livre vontade.*

Retomaremos em breve esta questão. Enquanto esperamos, terminaremos este artigo com as seguintes reflexões tiradas do nosso colega de Viena, órgão da democracia social, o *Volksstimme*:

"Só o mais cego egoísmo pode negar que o fim da podridão chocante que invadiu todos os estratos da sociedade, e a fundação, em lugar da anarquia atual, duma ordem social conforme à justiça e ao bem-estar geral, só é possível pelo triunfo e realização do princípio socialista. Com efeito, não são necessárias dissertações científicas para provar a necessidade de profundas reformas sociais. Hoje, o socialismo apodera-se inevitavelmente de todos os espíritos. O futuro pertence-lhe. Não pode haver dúvidas a este respeito, pois as vagas do movimento operário em todos os países são cada vez mais ameaçadoras e mais fortes. — A força principal das massas operárias concentra-se sobretudo nas capitais e nas grandes cidades da Europa — os nossos batalhões

organizados avançam em todo o lado. — Em Espanha a bandeira vermelha recebeu já o batismo de sangue.

As agitações eleitorais em França, e sobretudo os crimes recentes da classe privilegiada na Bélgica, provam que, por todo o lado, se opõe às reivindicações legítimas dos trabalhadores, os argumentos da força brutal e a eloquência das baionetas. Em Viena, também um certo jornal lançou este grito sinistro: "Já basta!" — Ameaçaram-nos, e no entanto sem nos deixarmos intimidar de modo algum por essas ameaças, não tememos afirmar que desejamos ardentemente ver realizadas todas essas reformas sociais, hoje absolutamente necessárias, de um modo pacífico, através do entendimento fraternal de todos.

"Para nós, a bandeira vermelha é o símbolo do amor humano universal. — Que nunca os nossos inimigos sonhem em transformá-la em bandeira de terror, contra eles próprios".

(L'Egalité, N.º 18, 22 de Maio de 1869)

OS NARCÓTICOS (1)

A Associação Internacional dos burgueses democratas que se chama *A Liga Internacional da Paz e da Liberdade*, acaba de lançar o seu novo programa, ou melhor, acaba de lançar o seu grito de angústia, um apelo lancinante a todos os democratas burgueses da Europa, em que suplica não a deixarem perecer por falta de meios. Faltam-lhe vários milhares de francos para continuar o seu jornal, para concluir o documento do seu último congresso e para tornar realizável a reunião de um novo congresso. Como consequência disso o Comitê Central, como último recurso, resolveu abrir uma subscrição, e convida todos os simpatizantes e adeptos desta Liga burguesa a provarem a sua simpatia e fé por ela, enviando, seja a que título for, a maior soma de dinheiro possível.

Ao ler esta nova circular do Comitê Central da Liga, se crê estar em presença de moribundos que se esforçam para acordar os mortos. Falta um pensamento vivo, são apenas frases feitas e a expressão impotente de vozes tão virtuosas como estereis já condenadas há muito pela história, devido precisamente à sua desoladora impotência.

É preciso no entanto fazer justiça à *Liga da Paz e da Liberdade*, pois ela reuniu no seu seio os burgueses mais avançados e mais inteligentes, os melhores pensadores e os mais generosamente dedicados da Europa; com exceção, bem entendido, de um pequeno grupo de homens que, embora oriundos e educados na classe burguesa, a partir do momento que compreenderam que a vida desaparecera dessa respeitável classe, que não tinha razão de existência e que só poderia continuar a existir em detrimento da justiça e da humanidade, cortaram todas as relações

(1) Título original *Les endormiens*. (N.T.)

com ela e, voltando-lhe as costas, colocaram-se resolutamente ao serviço da grande causa da emancipação dos trabalhadores explorados e oprimidos hoje por essa burguesia.

Como é que esta Liga, que conta com tantos indivíduos inteligentes, sábios e sinceramente liberais, manifesta hoje uma tão grande pobreza de pensamento e uma incapacidade evidente de querer, agir e viver?

Esta incapacidade e esta pobreza devem-se, não aos indivíduos mas a toda a classe à qual esses indivíduos têm a infelicidade de pertencer. Esta classe, a burguesia, como corpo político e social, depois de ter prestado importantes serviços à civilização do mundo moderno, está hoje historicamente condenada a morrer. É o único serviço que ele pode ainda prestar à humanidade que serviu durante tanto tempo. Mas, ela não quer morrer. Eis a única causa da sua atual imbecilidade e dessa vergonhosa impotência que hoje caracteriza cada uma das suas atividades políticas tanto nacionais como internacionais.

A Liga totalmente burguesa da paz e da liberdade quer o impossível: quer que a burguesia continue a existir e que ao mesmo tempo continue a servir o progresso. Depois de várias excitações, depois de ter negado no seio do seu Comitê, no fim de 1867, em Berna, a existência da própria questão social; depois de ter recusado no seu último congresso, pelo voto de uma imensa maioria, a *igualdade econômica e social*, conseguiu finalmente compreender que é absolutamente impossível avançar na história sem resolver a questão social e sem fazer triunfar o princípio da igualdade. A sua circular convida, pois, os membros a cooperarem ativamente em "*tudo o que possa acelerar o surgimento do reino da justiça e da igualdade*". Mas põe, ao mesmo tempo esta questão: "Qual o papel da burguesia na questão social"?

Já demos a resposta a isto. Se na verdade ela deseja prestar um último serviço à humanidade; se o seu amor pela verdadeira liberdade, isto é, universal, completa, igual para todos, é sincero; se, numa palavra, ela quer deixar de ser a reação, não lhe resta senão um único papel a desempenhar: é o de morrer com graça e o mais cedo possível.

Entendamo-nos bem. Não se trata da morte dos indivíduos que a compõem, mas da sua morte como corpo político e social, economicamente separada da classe operária.

Qual é hoje a sincera expressão, o sentido único, o único fim da questão social? É, como o próprio Comitê Central acaba por reconhecer: *o triunfo e a realização da igualdade*. Mas não será, então, evidente que a burguesia tem de desaparecer, uma vez que a sua existência como corpo economicamente separado da massa dos trabalhadores implica e produz necessariamente a desigualdade?

É desnecessário recorrer a todo um conjunto de artifícios de linguagem, confundir as questões e as palavras e sofisticar a ciência social em proveito da exploração burguesa, pois todas as pessoas sérias e que não têm qualquer interesse em se enganarem a si próprias compreendem hoje que: *enquanto houver um certo número de homens economicamente privilegiados, um modo e bens particulares de vida que não são os da classe operária; enquanto houver um número mais ou menos considerável de indivíduos que herdem, em diferentes proporções, capitais ou terras que não tenham produzido pelo seu próprio trabalho, enquanto a maioria dos trabalhadores não herdarem nada; enquanto o juro do capital e a renda da terra permitirem mais ou menos a esses indivíduos privilegiados viverem sem trabalhar; e supondo mesmo, o que, em semelhantes condições, não é admissível, — supondo que na sociedade todos trabalham, quer seja por obrigação, quer por gosto, mas que uma classe da sociedade, graças à sua posição econômica e, por isso mesmo, social e politicamente privilegiada, possa dedicar-se exclusivamente ao trabalho intelectual, enquanto a maioria esmagadora dos homens tem de alimentar-se com o trabalho dos seus braços; numa palavra, enquanto todos os indivíduos humanos não encontrarem na sociedade os mesmos meios de sustento, educação, instrução, trabalho e felicidade, — a igualdade política, econômica e social é completamente impossível.*

Foi em nome da igualdade que a burguesia derrubou e massacróu a nobreza. É em nome da igualdade que exigimos hoje a morte violenta ou o suicídio voluntário da burguesia, com a diferença de que, menos sanguinários do que foram os burgueses, nós queremos massacrar, não os homens, mas as posições e as coisas. Se os burgueses se resignarem e o permitirem, não lhes tocaremos num só fio de cabelo. Mas tanto pior para eles se, esquecendo a prudência e sacrificando os seus interesses individuais aos interesses coletivos da sua classe condenada a mor-

rer, se se interpuserem à justiça simultaneamente histórica e popular, para salvar uma posição que, mais tarde ou mais cedo, será insustentável.

(L'Egalité, N^o 23, 26 de Junho de 1869)

II

Uma coisa que deveria fazer refletir os partidários da *Liga da Paz e da Liberdade*, é a miserável situação financeira em que a Liga se encontra hoje, depois de cerca de dois anos e meio de existência. Que os burgueses democratas mais radicais da Europa se tenham reunido sem terem conseguido criar uma organização efetiva, nem forjar um só pensamento fecundo e novo, é, sem dúvida, um fato que aflige a burguesia atual, mas que não nos surpreende grandemente porque tomámos consciência da causa principal desta esterilidade e desta impotência. Mas como será que esta Liga burguesa, e como tal evidentemente composta por membros incomparavelmente mais ricos e mais livres nos seus movimentos e atos do que os membros da Associação Internacional dos Trabalhadores, como será que ela periga hoje *por falta de meios materiais*, enquanto os operários da Internacional, miseráveis, oprimidos por uma avalanche de leis restritivas e odiosas, privados de instrução, de tempos livres, e esmagados sob o peso de um trabalho fatigante, conseguiram criar em pouco tempo uma formidável organização internacional e uma multidão de jornais que exprimem as suas necessidades, as suas vozes, o seu pensamento?

Para além da bancarrota intelectual e moral mais do que comprovada, donde provém esta bancarrota financeira da Liga da Paz e da Liberdade?

Como será que estando todos ou quase todos os radicais da Suíça, unidos à *Volkspartei* da Alemanha, aos democratas garibaldinos da Itália e à democracia radical de França, sem esquecer a Espanha e a Suécia, representados, uma pelo próprio Emilio Castelar, e a outra por esse excelente coronel que desarmou os espíritos e conquistou todos os corações no último congresso de Berna; como será que homens práticos, grandes far-

santes políticos como M. Haussmann e como todos os redatores da *Zukunft*, como MM. Lemmonier, Gustave Vogt e Barni, atletas como Armand Goegg e Chaudey, tenham levado a cabo a criação da *Liga da Paz e da Liberdade*, abençoada à distância por Garibaldi, por Quinet e por Jacoby de Koenigsberg, e, depois de se ter arrastado durante dois anos numa miserável existência, pode esta Liga morrer hoje por falta de alguns milhares de francos! Como? O próprio abraço simbólico e patético de MM. Armand Goegg e Chaudey, que, representantes, um da grande pátria germânica, outro da grande nação, em pleno congresso, se lançaram nos braços um do outro, gritando diante de toda a assistência aturdida: *Pax! Pax! Pax!* até fazer chorar de entusiasmo e de comoção o pequeno Théodore Beck, de Berne; como será que tudo isto não conseguiu comover, amolecer os corações secos dos burgueses da Europa, e fazê-los abrir os cordões à bolsa — tudo isto não deu um tostão?

Teria já a burguesia atingido a bancarrota? Ainda não. Ou será que perderam o gosto pela paz e pela liberdade? De modo nenhum. Continuam a amar a liberdade, com a condição evidentemente, que ela exista só para si, isto é, com a condição de continuar a conservar a liberdade de explorar a escravatura das massas populares que, não tendo, nas condições atuais, da liberdade senão o direito, e não os meios, continuam forçosamente subjugadas pelos burgueses. Quanto à paz, nunca a burguesia lhe sentiu a necessidade como hoje. A paz armada que esmaga atualmente o mundo europeu inquieta-a, paralisa-a e arruína-a.

Como será então que a burguesia, que não atingiu ainda a bancarrota, por um lado, e que, por outro, continua a amar a liberdade e a paz, não quer sacrificar um tostão com a manutenção da Liga da Paz e da Liberdade?

É porque ela não tem fé nesta Liga. E por que é que ela não tem fé? É porque ela já não tem fé em si própria. Acreditar, é querer com paixão, e ela perdeu irrevogavelmente a possibilidade de querer. Com efeito, o que deveria ela querer ainda como classe separada? Não terá ela tudo: riqueza, ciência e dominação exclusiva? É verdade que não gosta muito da ditadura militar que a protege um pouco brutalmente, mas compreende-lhe a necessidade e resigna-se sensatamente, tendo perfeita consciência de que no dia em que essa ditadura for afastada, perderá tudo e deixará de existir. E vós pedis-lhes, cidadãos da Liga, que ela vos

dê o seu dinheiro e que se junte a vós para destruir essa salutar ditadura? Tão estúpida também não! — Dotada de um espírito mais prático do que o vosso, ela compreende os seus interesses melhor do que vocês.

Esforçam-se por convencê-la mostrando-lhe o abismo em que se deixa fatalmente cair, ao seguir essa via de conservação egoísta e brutal. E acreditam que ela não vê esse abismo? Ela sente tão bem como vocês o aproximar da catástrofe que a deverá engolir. Mas eis o que ela pensa: "Se nós mantivermos aquilo que temos, dizem os conservadores burgueses, podemos esperar manter a nossa existência atual ainda durante alguns anos, morrer, talvez, antes que se dê a catástrofe — o dilúvio vem depois! Por outro lado se nos deixamos levar pela via do radicalismo e se pomos em causa os poderes atualmente estabelecidos, morreremos amanhã. É preferível conservar o que temos".

Os conservadores burgueses compreendem melhor a situação atual do que os burgueses radicais. Não se deixam iludir, compreendem que entre o sistema burguês que termina e o socialismo que deverá tomar o seu lugar, não existe troca possível. Eis porque todos os espíritos realmente práticos e todas as bolsas bem cheias da burguesia se colocam ao lado da reação, deixam à Liga os cérebros menos capazes e as bolsas vazias, na seqüência do que esta Liga virtuosa, mas infelizmente, atinge hoje uma dupla bancarrota.

Se há alguma coisa que pode provar a morte intelectual, moral e política do radicalismo burguês, é a sua atual impotência em criar um mínimo de coisas, impotência já sobejamente conhecida em França, na Alemanha, na Itália, e que se manifesta com maior estrondo hoje em Espanha. Vejamos, há cerca de nove meses, a revolução tinha rebentado e triunfado em Espanha. A burguesia tinha, senão poder, pelo menos todos os meios de obtê-lo. O que é que fez? A soberania e regência de Serrano.

(L'Egalité, N^o 24, 3 de Julho de 1869)

III

Por muito profunda que seja a nossa antipatia, a nossa des-

confiança e o nosso desprezo pela burguesia moderna, existem contudo duas categorias dentro dessa classe, pelo que não devemos desesperar ao ver pelo menos uma parte dela converter-se mais tarde ou mais cedo à propaganda socialista, e que, empurradas, uma pela própria força das coisas e pelas necessidades da sua posição atual, a outra por um temperamento generoso, tomem parte conosco na destruição das presentes iniquidades e na edificação do mundo novo.

Falamos de *toda a pequena-burguesia e da juventude das escolas e universidades*. Num outro artigo trataremos em particular da questão da pequena-burguesia. Diremos hoje algumas palavras sobre a juventude burguesa.

As crianças dos burgueses herdaram, é verdade, na maior parte das vezes, hábitos particulares, estreitos preconceitos e instintos egoístas dos seus pais. Mas enquanto são jovens, não devemos desesperar. Existe na juventude uma energia, uma vastidão de aspirações generosas e um instinto natural de justiça, capazes de contrariar as influências perniciosas. Corrompidos pelos exemplos e pelos hábitos dos seus pais, os jovens da burguesia não o são ainda pela prática real da vida; as suas atitudes não cavaram ainda um abismo entre a justiça e eles próprios, e, quanto às más tradições dos seus pais, eles se encontram salvaguardados delas, de certo modo, por esse espírito de contradição e de contestação naturais de que são animadas as novas gerações frente às gerações que as precederam. A juventude é irreverente, despreza instintivamente a tradição e o princípio da autoridade. É aí que se encontra a sua força e salvação.

Vem depois a influência salutar do ensino e da ciência. Sim, salutar de fato, mas só se o ensino não for falsificado e a ciência deturpada por um doutrinarismo perverso em proveito da mentira oficial e da iniquidade.

Infelizmente hoje o ensino e a ciência, na maioria esmagadora das escolas e das universidades da Europa, encontra-se precisamente nesse estado de falsificação sistemática e premeditada. Poder-se-ia dizer que estas últimas foram expressamente fundadas para o envenenamento intelectual e moral da juventude burguesa. São mais umas lojas de privilegiados onde a mentira se vende no atacado e no varejo.

Sem falar na teologia, que é a ciência da mentira divina, nem da jurisprudência, que é da mentira humana; sem falar tam-

bém da metafísica ou da filosofia idealista, que é a ciência de todas as meias-verdades. Todas as outras ciências: história, filosofia, política, ciência econômica, são falsificadas no essencial, porque, privadas da sua base real, a ciência da natureza, todas se fundam igualmente sobre a teologia, a metafísica e a jurisprudência.

Pode-se dizer sem exagero que todo o jovem que sai da universidade imbuído dessas ciências ou, melhor dizendo, dessas mentiras e meias-verdades sistemáticas que se arrogam o nome de ciência, não o salvam, antes o perdem, salvo em circunstâncias excepcionais. Os professores, esses padres modernos da fraude política e social legalizada, inculcaram-lhe um veneno de tal modo corrosivo, que é preciso um verdadeiro milagre pra lhe sobreviver. Sai da universidade um doutrinário acabado, cheio de respeito por si próprio e de desprezo pela canalha popular a quem não pretende mais do que oprimir e explorar, em nome da superioridade intelectual e moral. Nessa altura, quanto mais novo, pior e mais odioso.

O mesmo não se passa com as faculdades das ciências exatas e naturais. Eis as verdadeiras ciências! Estranhas à teologia e à metafísica, são hostis a todas as ficções e baseiam-se exclusivamente no conhecimento exato e na análise conscienciosa dos fatos, e sobre a dedução pura, isto é, sobre o bom-senso de cada um, alargado pela experiência bem combinada de todo o mundo. Enquanto as ciências puras são autoritárias e aristocráticas, as ciências naturais são democráticas e largamente liberais. Que vemos nós, então? Enquanto os jovens que estudam as ciências puras se lançam, quase todos, com paixão no partido do doutrinário explorador e reacionário, os jovens que estudam as ciências naturais abraçam com igual paixão o partido da revolução. Muitos deles são sinceros socialistas-revolucionários como nós. É com estes que nós contamos.

As manifestações do último congresso de Liège nos fazem crer que veremos, dentro em breve, toda essa parte inteligente e generosa da juventude das universidades formar, novas secções no próprio seio da Internacional dos Trabalhadores. A sua contribuição será preciosa, desde o momento em que eles compreendam que a missão da ciência hoje não é a de dominar, mas a de servir o trabalho, e que têm muito mais coisas a aprender com os trabalhadores do que a ensinar. Se eles formam uma

parte da juventude burguesa, os trabalhadores são a juventude atual da humanidade; eles têm o futuro em si próprios. Nos acontecimentos que se preparam, os trabalhadores serão, portanto, os primeiros, os estudantes burgueses de boa vontade, os últimos.

Mas voltemos a essa pobre Liga da Paz e da Liberdade. Por que será que nos seus congressos a juventude burguesa só se faz notar pela ausência? Ah! É porque para uns, os doutrinários, ela é avançada demais, e para a minoria socialista, é atrasada demais. Há depois a grande massa dos estudantes, o grosso da coluna, jovens mergulhados na nulidade e na indiferença relativamente a tudo o que não é gozo comum de hoje ou emprego lucrativo de amanhã. Esses não conhecem sequer a própria existência da Liga da Paz e da Liberdade.

Quando Lincoln foi eleito presidente dos Estados Unidos, o falecido coronel Douglas, que era então um dos principais dirigentes do partido vencido, exclamou: "O nosso partido perdeu, a juventude abandonou-nos!" Pois bem! esta pobre Liga nunca foi jovem, nasceu velha, e morrerá sem ter vencido.

Igual sorte terão todos os partidos da burguesia radical na Europa. A sua existência nunca passou de um belo sonho. Eles sonharam durante a Restauração e a Monarquia de Julho. Em 1848, mostrando-se incapazes de construir algo de real decaíram extraordinariamente, e a sensação de incapacidade e impotência empurrou-os para a reação. Depois de 1848, tiveram a infelicidade de sobreviver. Continuam a sonhar! Mas já não é um sonho de futuro, é o sonho retrospectivo de um velho que nunca conseguiu vencer; e ao mesmo tempo que sonham pesadamente, ouvem à sua volta um mundo novo que se agita, a força do futuro que nasce. É a força e o mundo dos trabalhadores.

O barulho por eles feito acordou-os um pouco. Depois de os terem menosprezado durante muito tempo e negado, reconheceram finalmente a força real que eles contêm; vêem-nos cheios daquela vida que sempre lhes faltou e, querendo salvar-se identificando-se com eles, tentam transformar-se agora. Não se chama já democracia radical, mas *socialismo burguês*.

Sob esta nova denominação existem há apenas um ano — diremos num próximo artigo o que é que foi feito durante esse ano.

(L'Egalité. N. 25, 10 de Julho de 1869)

Perguntarão os nossos leitores por que é que nos ocupamos da Liga da Paz e da Liberdade uma vez que a consideramos tal como um moribundo com os dias contados; por que é que a não deixamos morrer calmamente, como convém a quem já nada tem a fazer neste mundo. Ah! Nada de melhor se poderia fazer que deixá-la morrer tranquilamente, sem falar sequer no assunto, acaso ela nos não ameaçasse oferecer-nos, antes de morrer, uma herança repugnante como presente, o socialismo burguês.

Por mais repugnante que fosse, não nos ocuparíamos desse filho ilegítimo da burguesia, se o seu objetivo fosse apenas o de converter os burgueses ao socialismo e, sem mesmo termos um mínimo de confiança no sucesso dos seus esforços, poder-se-ia dar o caso de admirarmos essa generosa intenção, se não tivessem, ao mesmo tempo, como objetivo algo que é diametralmente oposto e que nos parece escandaloso: fazer penetrar nas classes operárias as teorias burguesas.

O socialismo burguês, como uma espécie de ser híbrido, colocou-se entre dois mundos doravante irreconciliáveis: o mundo burguês e o mundo operário; e a sua ação ambígua e desmoralizante acelera, de fato, por um lado, a morte da burguesia, e, por outro, corrompe, ao mesmo tempo, o proletariado. Corrompe-o de duas maneiras: primeiro, diminuindo e deturpando os seus princípios e o seu programa; depois, fazendo-o ter esperanças impossíveis, uma difícil fé numa próxima conversão dos burgueses, procurando deste modo seduzi-lo com o fim de manobrar o proletariado como instrumento da política burguesa.

Quanto aos princípios que professa, o socialismo burguês, encontra-se numa posição tão embaraçosa quanto ridícula: demasiado vagos, ou demasiado corruptos para poderem ser resumidos num só princípio bem determinado, pretendem juntar ao mesmo tempo dois princípios que se excluem mutuamente, e têm a rara pretensão de os conciliarem. Querem, por exemplo, conservar a propriedade privada do capital e da terra para os burgueses, anunciando ao mesmo tempo, a generosa decisão de assegurar o bem-estar do trabalhador. E prometem mesmo mais: o usufruto integral dos frutos do seu trabalho, o que só será possível quando o capital deixar de receber juro, e a pro-

riedade da terra a renda, uma vez que o juro e a renda incidem sobre os frutos do trabalho.

Por outro lado, pretendem conservar para os burgueses a sua atual liberdade, que não é nada mais do que a possibilidade de explorar, graças ao poder que o capital e a terra lhes concede, o trabalho dos operários, prometendo ao mesmo tempo a estes últimos a mais completa igualdade econômica e social: a igualdade dos explorados com os seus exploradores.

Mantém o direito de herança, isto é, um meio dos filhos dos ricos nascerem na riqueza, e os dos pobres na miséria; promete a todas as crianças a igualdade de educação e de instrução que a justiça exige.

Mantém, a favor dos burgueses, a desigualdade de condições, consequência natural do direito de herança; e promete aos proletários terem direito, no seu sistema, a trabalharem igualmente, sem outra diferença que a que é determinada pelas capacidades e inclinações naturais de cada um; o que só é possível se se verificar uma de duas condições, ambas igualmente absurdas: ou o Estado, cujo poder os socialistas burgueses odeiam tanto como nós, força as crianças dos ricos a trabalhar do mesmo modo que os filhos dos pobres, o que nos conduziria diretamente ao comunismo despótico de Estado; ou os filhos dos ricos, por milagre de abnegação e por uma generosa determinação se põem a trabalhar livremente, sem a isso serem forçados pela necessidade, do mesmo modo e tanto como trabalham todos aqueles que a isso são forçados pela miséria e pela fome. E, ainda mesmo dentro desta hipótese, baseando-nos na lei psicológica e sociológica natural segundo a qual dois atos provocados por causas diferentes nunca podem ser iguais, podemos prever com certeza que o trabalhador forçado será necessariamente inferior, dependente e escravo do trabalhador que o é por livre vontade. O socialista burguês é caracterizado, sobretudo, por um traço fundamental: é um individualista ferrenho e sente uma raiva tremenda sempre que ouve falar de propriedade coletiva. Inimiga desta, é também, naturalmente, do trabalho coletivo e, não o podendo eliminar de fato do programa socialista, em nome dessa liberdade que tão mal compreende pretende dar um lugar de destaque ao trabalho individual.

Mas o que é o trabalho individual? É, em todos os trabalhos em que a força ou a capacidade física do homem se exerce

indiretamente, isto é, em tudo aquilo a que se chama a produção material, a impotência; o trabalho isolado de um único homem, seja qual for a sua aptidão ou força, não é nunca capaz de superar o trabalho coletivo de muitos homens associados e bem organizados. O que na indústria se chama atualmente trabalho individual, mais não é do que a exploração do trabalho coletivo dos operários por indivíduos detentores privilegiados quer do capital, quer da ciência. Mas, a partir do momento em que deixar de haver esta exploração — e os socialistas burgueses, pelo menos, afirmam desejá-lo tanto como nós — deixará de haver na indústria todo e qualquer trabalho que não seja coletivo e, por consequência, toda e qualquer propriedade que não seja coletiva. O trabalho individual só será então possível na produção intelectual, nos trabalhos do espírito. E mais: não será o espírito do maior gênio da terra o produto do trabalho coletivo, intelectual como industrial, de todas as gerações passadas e presentes? Para prová-lo, basta imaginar esse mesmo gênio, levado na mais tenra infância para uma ilha deserta; supondo que não morre de fome, em que se transformará ele? Num animal, num bruto que nem sequer uma palavra é capaz de pronunciar e que, por consequência, nunca pensou; se o fizéssemos quando ele tinha dez anos, em que se transformaria ele? Transformar-se-ia num animal, que perdeu o hábito de falar, e que apenas conservaria um vago instinto da sua vida passada. Se o transportássemos ainda com a idade de vinte, trinta anos, — dentro de dez, quinze, vinte anos, tornar-se-ia estúpido. Talvez inventasse uma nova religião! O que é que isto prova? Prova que o homem, mais dotado pela natureza, não recebe mais que faculdades, mas que estas permanecem adormecidas se não forem adubadas pela ação benéfica e poderosa da coletividade. E acrescentaremos: quanto mais o homem é beneficiado pela natureza, mais se prende à coletividade; daqui resulta que, em justiça, mais ele deve à sociedade. Reconhecemos, no entanto, que se bem que uma parte dos trabalhadores intelectuais produzissem mais e melhor coletivamente do que individualmente, alguns há que exigem o trabalho isolado. Mas que pretendemos nós concluir? Que, sendo os trabalhos isolados do gênio ou do talento mais raros, mais preciosos e mais úteis do que os do trabalhador comum, devem ser melhor remunerados que estes últimos? Em que base? Esses trabalhos são mais penosos do que os trabalhos

manuais? Muito pelo contrário, os últimos são, sem comparação, muito mais penosos. O trabalho intelectual é um trabalho atraente que contém em si próprio a sua recompensa e que não precisa de outra remuneração. Tem ainda outra, a estima e o reconhecimento pelos seus contemporâneos, a luz e o bem que lhes confere. Senhores socialistas burgueses, vocês que cultivam o ideal com tanto fervor, não acham que essa recompensa vale mais do que qualquer outra, ou será que preferem uma remuneração mais sólida em dinheiro?

E para além disso, ficariam aflitos se tivessem de estabelecer a taxa dos produtos intelectuais de gênio. São, como observou muito bem Proudhon, valores incomensuráveis: não custam nada, ou custam milhões... Mas perceberão que com esse sistema seria necessário abolir o direito de herança, pois sem isso os filhos dos homens de gênio ou de talento herdarão milhões ou centenas de milhares de francos; tanto mais que essas crianças são geralmente, seja devido ao efeito de uma lei natural ainda desconhecida, seja devido à posição privilegiada que os trabalhos dos seus pais lhes proporcionaram — são geralmente espíritos bastante comuns e muitas vezes homens muito estúpidos. A que nos levará, nessa altura, essa justiça distributiva em que gostam tanto de falar, e em nome da qual combatem? Como se realizará essa igualdade que prometem?

De tudo isto parece se poder concluir necessariamente que os trabalhos isolados da inteligência individual, todos os trabalhos intelectuais, enquanto invenção, e não enquanto aplicação, devem ser trabalhos gratuitos. Mas de que viverão, então, os homens de talento, os homens de gênio? Viverão, evidentemente, do seu trabalho manual e coletivo como todos os outros. Como? Quereis sujeitar as grandes inteligências a um trabalho manual, como o das inteligências mais inferiores? — Sim, quereimos, e por duas razões. A primeira, é porque estamos convencidos de que os grandes intelectos, longe de perderem alguma coisa, muito pelo contrário, ganharão com isso saúde do corpo e vigor do espírito, e sobretudo espírito de solidariedade e de justiça. A segunda, é porque é o único meio de elevar e humanizar o trabalho manual, e de estabelecer ao mesmo tempo uma igualdade real entre os homens.

(L'Egalité. N. 26, 17 de julho de 1869)

Consideraremos agora os grandes meios recomendados pelo *socialismo burguês* para a emancipação da classe operária, e nos será fácil provar que cada um destes meios esconde, sob uma aparência muito respeitável, uma impossibilidade, uma hipocrisia, uma mentira. São três: 1^o a *instrução popular*, 2^o a *cooperação* e 3^o a *revolução política*.

Examinaremos hoje o que eles entendem por *instrução popular*.

Digamos, antes de mais nada, que se trata de um ponto em que estamos perfeitamente de acordo com eles: *A instrução é necessária ao povo*. Só aqueles que pretendem eternizar a escravidão das massas populares o podem negar ou disso duvidar. Estamos de tal modo convencidos de que a *instrução é a medida do grau de liberdade, de prosperidade e de humanidade que uma classe ou mesmo um indivíduo podem atingir*, que pedimos para o proletariado não só *alguma instrução*, mas *toda a instrução*, a instrução integral e completa, para que acima dele, para o dirigir ou proteger, isto é, para o explorar, não exista nenhuma classe superior pela ciência, nenhuma aristocracia de inteligência.

Na nossa opinião, de todas as aristocracias que, uma após outra e, por vezes, simultaneamente, oprimiram a sociedade humana, a chamada aristocracia da inteligência é a mais odiosa, a mais nojenta, a mais impertinente e a mais opressiva. A aristocracia nobiliária diz-nos: "Vós sois um homem muito delicado, mas não nasceste nobre!" É uma injúria que ainda se pode suportar. A aristocracia do capital nos reconhece todos os tipos de méritos, "mas, acrescenta, você não tem um tostão!" É igualmente suportável, porque mais não se trata do que a constatação de um fato, que, na maior parte dos casos, acaba por favorecer aquele a quem se dirigia o reparo. Mas a aristocracia da inteligência diz: "Você não sabe nada, você não compreende nada, você é um burro, e eu, homem inteligente, tenho de lhe pôr os arreios e dirigi-lo". Isto é que é intolerável.

A aristocracia da inteligência, esse querido rebento do doutrinarismo moderno, esse último refúgio do espírito de dominação que subjuga o mundo desde o início da história, que constituiu e sancionou todos os Estados, esse culto pretensioso e ridículo da inteligência, só pode nascer no seio da burguesia. A aris-

trocracia nobiliária não precisou da ciência para provar o seu direito. Ela tinha apoiado o seu poder sobre dois argumentos irracionáveis, como base, a violência, a força do seu braço, e como consentimento a graça de Deus. Ela violava e a Igreja benzia — era esta a natureza do seu direito. Esta íntima união da brutalidade triunfante e da graça divina dava-lhe um grande prestígio, e produzia nela uma espécie de virtude *cavalheiresca* que conquistava todos os corações.

A burguesia, desprovida de todas estas virtudes e graças, tem apenas um argumento em que funda o seu direito: a força muito real, mas muito prosaica do dinheiro. É a negação cínica de todas as virtudes: se tiveres dinheiro, por muito estúpido que sejas, tem todos os direitos; se não tens um tostão, sejam quais forem os teus méritos pessoais, não vales nada. — É este, com toda a sua cruza, o princípio fundamental da burguesia. Compreende-se facilmente que um tal argumento, por muito forte que seja, não é suficiente para estabelecer e sobretudo para consolidar o poder da burguesia. A sociedade humana está de tal modo organizada que as piores coisas só podem se estabelecer com a ajuda de uma aparência respeitável. Daí nasceu o provérbio que diz que a hipocrisia é uma homenagem que o vício presta à virtude. As brutalidades mais chocantes necessitam duma justificativa.

Vimos como a nobreza as tinha sob proteção da graça divina. A burguesia não podia recorrer a essa proteção. Primeiro, porque o bom Deus e a sua representante, a Igreja, se tinham comprometido demasiado ao proteger exclusivamente, durante séculos, a monarquia e a aristocracia nobiliária, — a inimiga de morte da burguesia; depois porque a burguesia, diga o que quiser, faça o que fizer, lá no fundo do coração é atea. — Fala de Deus ao povo, mas não necessita dele para si, e nunca é nos templos consagrados ao Senhor, mas nos consagrados a Mammon, na Bolsa, nas casas comerciais, nos bancos e nas grandes empresas industriais, que ela faz os seus negócios. Era, portanto, necessário encontrar uma justificativa fora da Igreja e de Deus. — Encontrou-a afirmando ser mais inteligente.

Ela sabe muito bem que a base principal, senão a única base, do seu poder político atual, é a riqueza; mas, não querendo nem podendo confessá-lo, procura explicar esse poder pela superioridade da sua inteligência, não natural mas científica; para

governar os homens, pretende ela, é preciso saber muito, e hoje, ninguém como ela o sabe fazer. É um fato que em todos os Estados da Europa, só a burguesia, incluindo a nobreza que hoje só o é de nome, — só a classe exploradora e dominante recebe uma instrução mais ou menos séria. Por outro lado, liberta-se do seu seio uma espécie de classe aparte, e naturalmente menos numerosa, de homens que se dedicam exclusivamente ao estudo dos maiores problemas da filosofia, da ciência social e da política e que constituem a nova aristocracia propriamente dita, a da inteligência declarada e privilegiada — É a quinta essência e a expressão científica do pensamento e dos interesses da burguesia.

UNIVERSIDAD

As universidades modernas da Europa, formando uma espécie de república científica, prestam atualmente à classe burguesa os mesmos serviços que a igreja católica prestava antigamente à aristocracia nobiliária; e tal como o catolicismo sancionava no seu tempo as violências da nobreza contra o povo, assim a universidade, esta igreja da ciência burguesa, explica e legitima hoje a exploração desse mesmo povo pelo capital burguês. Será de espantar depois disto que, na luta do socialismo contra a economia política burguesa, a ciência moderna tenha tomado e continue a tomar tão decididamente o partido dos burgueses?

Não nos fiquemos pelos efeitos, ataquemos sempre as causas: sendo a ciência das escolas, um produto do espírito burguês, tendo os homens que representam essa ciência nascido, criados e instruídos no meio burguês e sob a influência do seu espírito e dos seus exclusivos interesses, tanto a ciência como os homens opõem-se naturalmente à emancipação integral e real do proletariado, e todas as suas teorias econômicas, filosóficas, políticas e sociais foram sendo elaboradas nesse sentido. Nunca tiveram outro fito senão o de mostrar a absoluta incapacidade das massas operárias, e por consequência a missão da burguesia, que é instruída porque é rica e que pode ser cada vez mais rica porque é instruída, consiste em governá-las até ao fim dos séculos.

Que devemos nós aconselhar ao mundo operário para romper este círculo vicioso? Instruir-se, apropriar-se dessa poderosa arma que é a ciência, sem a qual pode perfeitamente fazer revoluções, mas nunca poderá estar em condições de estabelecer, sobre as ruínas dos privilégios burgueses, essa igualdade, essa justiça e essa liberdade que constituem o fundo de todas as aspira-

ções políticas e sociais. É neste ponto que nos encontramos de perfeito acordo com os socialistas burgueses.

Mas eis dois outros pontos muito importantes em que estamos em completo desacordo:

1º — Os socialistas burgueses não pedem para os operários senão um pouco da instrução que hoje não recebem, e guardam os privilégios da instrução superior apenas para um grupo extremamente reduzido de indivíduos felizes, que duma maneira simples se pode reduzir a: homens saídos da classe dominante, da burguesia, ou então homens que por um feliz acaso foram adotados e recebidos no seio desta classe. Os socialistas burgueses pretendem que é inútil que todos recebam o mesmo grau de instrução, porque, se todos se quisessem entregar à ciência, não restaria ninguém para o trabalho manual, sem o qual a ciência não poderia sequer existir.

2º — Afirmando, por outro lado, que para emancipar as classes operárias, é necessário começar por lhes dar instrução, e que não devem sonhar com uma transformação radical da sua posição econômica e social antes de ser mais instruída.

Voltaremos a estes dois pontos no próximo número.

(L'Egalité, N. 27, de 24 de Julho de 1869)

A INSTRUÇÃO INTEGRAL

A primeira questão que vamos hoje considerar é esta: Poderá a emancipação das massas operárias ser completa, enquanto a instrução que as massas recebem for inferior aquela que é dada aos burgueses, ou enquanto houver uma classe qualquer em geral, numerosa ou não, mas que, pelo seu nascimento, seja chamada aos privilégios duma educação superior e duma instrução mais completa? Pôr esta questão, não é resolvê-la? Não será evidente que entre dois homens, dotados duma inteligência natural aproximadamente igual, aquele que souber mais, cujo espírito estiver mais aberto para a ciência, e que, tendo compreendido melhor o encadeamento dos fatos naturais e sociais, ou aquilo a que se chama leis da natureza e da sociedade, se aperceberá mais fácil e globalmente do caráter do meio em que vive, — que este se sentirá, digamos, mais livre, que será praticamente mais hábil e mais poderoso do que o outro? Aquele que sabe mais dominará naturalmente aquele que sabe menos; e se existir entre duas classes apenas esta diferença de educação e de instrução, esta diferença produzirá em pouco tempo todas as outras, o mundo humano voltará ao seu estado atual, isto é, será dividido de novo numa massa de escravos e num pequeno número de dominadores, os primeiros trabalhando, como hoje, para os segundos.

Compreende-se agora por que é que os socialistas burgueses pedem apenas *alguma* instrução para o povo, um pouco mais do que tem atualmente, e nós, democratas-socialistas, exigimos para o povo a *instrução integral*, toda a instrução, tão completa quanto o permite a capacidade intelectual do século, a fim de que acima das massas, não possa existir nenhuma *classe* que saiba mais do que eles, que os possa dominar e explorar. Os socialistas burgueses pretendem manter as classes, devendo cada uma de-

las, segundo eles, desempenhar uma diferente função social, uma, por exemplo, a ciência e a outra o trabalho manual; e nós, pelo contrário, queremos a abolição definitiva das classes, a unificação da sociedade, e a igualização econômica e social de todos os seres humanos que habitam a terra. Eles queriam, conservando-as, minorar, adocicar e embelezar a desigualdade e a injustiça, as bases históricas da sociedade atual, e nós, queremos destruí-las. Donde resulta obviamente a impossibilidade de qualquer entendimento, conciliação ou mesmo coligação entre nós e os socialistas burgueses.

Mas, dir-se-á, e é o argumento que se nos opõe mais frequentemente e que todos os Senhores doutrinários de todas as cores consideram irresistível, é impossível que toda a humanidade se dedique à ciência; morreria de fome. É necessário que, enquanto uns estudam, outros trabalhem, a fim de produzirem os objetos necessários à vida, para eles próprios antes de mais, e depois para todos os homens que se dedicam exclusivamente aos trabalhos intelectuais; porque os homens não trabalham apenas para si próprios: as suas descobertas científicas para além de alargarem o espírito humano, aplicando-se à indústria e à agricultura, e, em geral, à vida política e social, não melhoram as condições de todos os seres humanos, sem exceção? As suas criações artísticas não enobrecerão a vida de todo o mundo?

Não, evidentemente que não. E o maior reparo que temos a fazer à ciência e à arte, é precisamente por repartir os seus resultados apenas com uma parte mínima da sociedade, excluindo, e por consequência desprezando, a esmagadora maioria. Podemos dizer hoje dos progressos da ciência e das artes aquilo que se disse já com tanta razão do desenvolvimento prodigioso da indústria, do comércio, do crédito, da riqueza social, em resumo, nos países mais civilizados do mundo moderno. Esta riqueza é absolutamente exclusiva, e tende a ser cada vez mais, concentrando-se sempre num pequeno número de mãos e rejeitando os estratos inferiores da classe média, a pequena-burguesia, o proletariado, de tal modo que o desenvolvimento dessa riqueza está na razão direta da miséria crescente das massas trabalhadoras. Donde resulta que o abismo que separa já a minoria feliz e privilegiada dos milhões de trabalhadores que a mantém com o trabalho dos seus braços, alarga-se cada vez mais, e que quanto mais os eleitos, os exploradores do trabalho popular, são felizes, mais

infelizes se tornam os trabalhadores. Comparemos apenas a opulência fabulosa do grande mundo aristocrático, financeiro, comercial e industrial da Inglaterra, e a situação miserável dos operários desse mesmo país: releia-se a carta tão ingênua e tão dilacerante escrita ultimamente por um inteligente e honesto ourives de Londres, Walter Dungan, que acaba de se envenenar voluntariamente com a sua mulher e os seus seis filhos, apenas para escapar à humilhação da miséria e às torturas da fome, e seremos obrigados a reconhecer que esta tão louvada civilização não é, sob o ponto de vista material, mais do que opressão e ruína do povo.

O mesmo se passa com os modernos progressos da ciência e das artes. Os progressos são imensos! Sim, é verdade. Mas quanto mais imensos são, mais se tornam causa de escravatura intelectual, e por consequência também material, causa de miséria e de inferioridade para o povo; porque cada vez mais se alarga o abismo que separa já a inteligência popular das classes privilegiadas. A primeira, sob o ponto de vista da capacidade natural, é hoje, evidentemente, menos sensível, menos aproveitada, menos sofisticada e menos corrompida pela necessidade de defender interesses injustos, e por consequência é naturalmente mais poderosa do que a inteligência burguesa; mas, por outro lado, esta última tem do seu lado todas as armas da ciência, e essas armas são formidáveis. Acontece muito frequentemente um operário extraordinariamente inteligente ser forçado a calar-se perante um sábio idiota que o bate, não pela inteligência porque a não possui, mas pela instrução, de que o operário foi privado, e que ele pode receber, porque enquanto a sua idiotice se desenvolvia cientificamente nas escolas, o trabalho do operário vestia, alojava, alimentava e fornecia-lhe todas as coisas, professores e livros necessários à sua instrução.

O grau de ciência de que cada um dispõe não é igual, mesmo dentro da classe burguesa, sabemos bem. Também aí existe uma escala, determinada não pela capacidade dos indivíduos, mas pela maior ou menor riqueza do estrato social em que nasceu; por exemplo, a instrução que recebem os filhos da pequena-burguesia, muito pouco superior àquela que os operários conseguem obter, é praticamente nula se a compararmos com a que recebe a alta e média burguesia. Que vemos nós então? A pequena-burguesia, que não está atualmente ligada à classe média

sendo por uma vaidade ridícula por um lado, e, por outro, pela dependência em que vive dos grandes capitalistas, encontra-se na maior parte das vezes numa situação mais miserável e muito mais humilhante ainda do que o próprio proletariado. Assim, quando falamos de classes privilegiadas, nunca incluímos essa pobre pequena-burguesia, que, se tivesse um pouco mais de espírito e de coração, não tardaria em vir juntar-se a nós, para combater a média e grande burguesia que não a esmaga menos do que o faz ao proletariado. E se o desenvolvimento económico da sociedade continuasse nesta direcção ainda durante uma dúzia de anos, o que nos parece completamente impossível, veríamos ainda a maior parte da média burguesia cair na situação atual da pequena-burguesia primeiro, para ir mais tarde cair no proletariado, sempre graças a essa concentração fatal (da riqueza) num número de mãos cada vez menor; o que teria como inevitável resultado a definitiva divisão do mundo social numa pequena minoria excessivamente opulenta, sábia, dominante, e numa esmagadora maioria de proletários miseráveis, ignorantes e escravos.

Trata-se dum fato que deve sensibilizar todos os espíritos conscienciosos, todas as que desejam dignidade humana, justiça, isto é, a liberdade de cada um na igualdade e pela igualdade de todos. É que todas as invenções da inteligência, todas as grandes aplicações da ciência à indústria, ao comércio e de um modo geral à vida social, só beneficiaram até hoje as classes privilegiadas, assim como o poder dos Estados, esses eternos protetores de todas as iniquidades políticas e sociais, e nunca as massas populares. Basta nomear as máquinas para que todos os operários e todos os partidários sinceros da emancipação do trabalho nos dêem razão. Através de que força se mantém ainda hoje as classes privilegiadas com toda a sua felicidade insolente e todos os seus gozos iníquos, contra a indignação tão legítima das massas populares? Será através duma força que lhes é inerente? Não, é unicamente através da força do Estado, em que os seus filhos, aliás, desempenham hoje, como sempre o fizeram, todas as funções dominantes, e mesmo todas as funções médias e inferiores, menos as dos trabalhadores e dos soldados. E o que é que constitui hoje em dia a principal força dos Estados? É a ciência.

Sim, é a ciência. Ciência de governo, de administração e

ciência financeira; ciência de tosquiar os rebanhos populares sem os fazer gritar demasiado, de os manter constantemente numa salutar ignorância, a fim de que jamais possam, pela solidariedade e pela união dos seus esforços, criar uma força capaz de os derrubar (1); ciência militar, antes de mais, com todas as suas armas aperfeiçoadas, e os seus formidáveis instrumentos de destruição que "são uma maravilha" (2); ciência do gênio, enfim, a que criou os barcos a vapor, as estradas de ferro e os telégrafos; as estradas de ferro que, utilizadas pela estratégia militar, decuplicam o poder defensivo e ofensivo dos Estados; e os telégrafos, que, transformando cada governo num Briaréu com cem, com mil braços, dão-lhe a possibilidade de estar presente, de agir e de tomar conhecimento de tudo, criam a centralização política mais formidável que já alguma vez existente no mundo.

Quem pode então negar que todos os progressos da ciência, sem exceção, sempre serviram para aumentar a riqueza das classes privilegiadas e o poder dos Estados, em detrimento do bem-estar e da liberdade das massas populares, do proletariado? Mas, objetarão, será que as massas operárias não usufruem deles também? Não são elas mais civilizadas no nosso século do que eram nos séculos anteriores?

A isto responderemos com uma observação de Lassalle, o célebre socialista alemão. Para avaliar os progressos das massas operárias, do ponto de vista da sua emancipação política e social, não se pode comparar o seu nível intelectual nos séculos passados. É necessário considerar se, a partir de uma determinada época, tendo sido constatada a diferença que existia então entre elas e as classes privilegiadas, elas progrediram na mesma medida que estas últimas. Porque se houve igualdade nestes dois progressos respectivos, a distância intelectual que as separa hoje do mundo privilegiado será a mesma; se o proletariado progredir mais e mais depressa do que os privilegiados, esta distância terá necessariamente diminuído; mas se pelo contrário o progresso do operário é mais lento e por conseguinte menor do que o das classes dominantes, no mesmo espaço de tempo, esta dis-

(1) Os Estados.

(2) Como as espingardas na batalha de Mentana (3 de Nov. de 1867).

tañcia aumentará; o abismo que as separava teria aumentado, o homem privilegiado teria se tornado mais poderoso, o operário mais dependente, mais escravo do que na época que se tinha tomado como ponto de partida. Se partirmos os dois, à mesma hora, de dois pontos diferentes, tendo você 100 passos de avanço sobre mim, você a 60 passos por minuto, e eu apenas 30, ao fim duma hora, a distância que nos separa não será 100, mas 200 passos.

Este exemplo dá-nos uma idéia correta dos progressos respectivos da burguesia e do proletariado aqui. Os burgueses andaram mais depressa na estrada da civilização do que os proletários, não porque a sua inteligência fosse naturalmente maior do que a destes últimos, — poderia se dizer hoje com toda a propriedade precisamente o contrário, — mas porque a organização econômica e política da sociedade foi tal, até aqui, que só os burgueses se podiam instruir, que a ciência só existiu para eles, e que o proletariado se viu condenado a uma ignorância forçada, de tal modo que se mesmo assim ele avança — e os seus progressos são indubitáveis —, não é graças à sociedade, antes pelo contrário.

Resumindo: Na organização atual da sociedade, os progressos da ciência foram a causa da ignorância *relativa* do proletariado, assim como os progressos na indústria e no comércio foram a causa da sua miséria *relativa*. Tanto os progressos intelectuais como materiais contribuíram, pois, para aumentar a sua escravidão. O que é que daqui resulta? Que devemos rejeitar e combater *esta* ciência burguesa, do mesmo modo que devemos rejeitar e combater a riqueza da burguesia. Combatê-las e rejeitá-las no sentido de, ao destruir a ordem social que delas faz patrimônio de uma ou de várias classes, as reivindicar como bem comum de todo o mundo.

(L'Egalité, N. 28, 31 de julho de 1869)

II

Demonstramos que, enquanto houver dois ou mais graus de instrução para os diferentes estratos da sociedade, haverá neces-

sariamente classes, isto é, privilégios econômicos e políticos para um pequeno número de eleitos, e escravidão e miséria para a maioria.

Membros da Associação Internacional dos Trabalhadores, nós queremos a Igualdade, e, porque a queremos, devemos querer também a instrução integral, igual para toda a gente.

Mas se toda a gente for instruída, quem quererá trabalhar? perguntam. A nossa resposta é simples: *toda a gente deve trabalhar e toda a gente deve receber instrução*. Responde-se a isto muito frequentemente que esta mistura entre trabalho industrial e trabalho intelectual só é possível em detrimento de ambos: os trabalhadores serão maus sábios e os sábios nunca passarão de maus trabalhadores. Isto é verdade na sociedade atual, onde tanto o trabalho manual como o trabalho intelectual são deformados pelo isolamento absolutamente artificial a que ambos foram condenados. Mas estamos convencidos de que o homem vivo e completo, cada uma destas duas atividades, muscular e nervosa, deve ser igualmente desenvolvida e que, longe de se anularem mutuamente, cada uma delas deve apoiar, alargar e reforçar a outra; a ciência do sábio se tornará mais fecunda, mais útil e mais vasta quando o sábio deixar de ignorar o trabalho manual, e o trabalho do operário instruído será mais inteligente e por conseguinte mais produtivo do que o do operário ignorante.

Donde se conclui que, no próprio interesse tanto do trabalho como da ciência, é necessário que não haja mais operários nem sábios, mas apenas homens.

Daqui resulta que os homens que, pela sua inteligência superior, estão hoje empenhados exclusivamente no mundo da ciência e que uma vez inseridos nesse mundo, cedendo à necessidade de manterem uma posição completamente burguesa, canalizam todas as suas invenções para a utilização exclusiva da classe privilegiada de que eles próprios fazem parte, — que esses homens, uma vez tornados solidários com todo o mundo, solidários não na imaginação nem em palavras apenas, mas na prática, pelo trabalho, canalizarão todas as suas descobertas e as aplicações da ciência em proveito de todo o mundo, e, antes de mais, do melhoramento e enobrecimento do trabalho, a única base real e legítima da sociedade humana.

É possível e mesmo muito provável que no período de tran-

sição mais ou menos longo que sucederá naturalmente à grande crise social, as ciências mais avançadas desçam abaixo do seu nível atual; como é indubitável que o luxo e tudo o que constitui os requintes da vida, deverá desaparecer durante muito tempo, para só reaparecer, não como usufruto exclusivo mas como enobrecimento da vida de toda a gente, logo que a sociedade tenha conquistado o necessário à vida de todos. Mas será este eclipse temporário da ciência superior a uma grande desgraça? Aquilo que perderá em elevação sublime, ganhará no alargamento da sua base? Sem dúvida, haverá menos sábios ilustres, mas ao mesmo tempo muitíssimo menos ignorantes. Deixará de haver homens que tocam os céus, mas, em contrapartida, milhões de homens hoje aviltados, esmagados, caminharão humanamente na terra: nem semi-deuses, nem escravos. Os semi-deuses e os escravos se humanizarão simultaneamente, uns descendo um pouco, os outros subindo muito. Deixará então de haver lugar quer para o endeusamento quer para o desprezo. Todos se darão as mãos e, uma vez unidos, caminharão com renovado entusiasmo para novas conquistas, tanto na ciência como na vida.

Longe, portanto, de evitar esse eclipse, aliás, absolutamente momentâneo, da ciência, nós o desejamos com todas as forças, uma vez que dele resultará uma humanização tanto dos sábios como dos trabalhadores, uma reconciliação da ciência e da vida. E estamos convencidos de que uma vez conquistada essa nova base, os progressos da humanidade, tanto na ciência como na vida, depressa ultrapassarão tudo o que até agora se viu e tudo o que é hoje possível imaginar.

Mas eis que outra questão se põe: *Serão todos os indivíduos igualmente capazes de alcançarem o mesmo grau de instrução?* Imaginemos uma sociedade organizada segundo o modo mais igualitário e em que todas as crianças tenham, desde que nascem, o mesmo ponto de partida, tanto sob o ponto de vista político, como econômico e social. Isto é, tenham absolutamente o mesmo sustento, a mesma instrução, a mesma educação; não haverá, entre esses milhões de pequenos indivíduos, um sem número de diferenças de energia, de tendências naturais de aptidões?

É este o grande argumento dos nossos adversários, burgueses puros e socialistas burgueses. Julgam-no irrefutável. Provêmos-lhes o contrário. Antes de mais, com que direito se ba-

sejam eles no princípio das capacidades individuais? Haverá na sociedade tal como ela está, para o desenvolvimento dessas capacidades? Poderá haver lugar para o desenvolvimento dessas capacidades numa sociedade baseada no direito de herança? Evidentemente que não, porque, enquanto houver heranças, e desenvolvimento das crianças não será nunca o resultado das suas energias e das suas capacidades individuais; estará dependente da fortuna, da riqueza ou da miséria das suas famílias. Os herdeiros ricos, mas estúpidos, receberão uma instrução superior; as crianças mais inteligentes do proletariado continuarão a receber como herança a ignorância, tal como hoje acontece. Não será pois uma hipocrisia falar em desenvolvimento das capacidades individuais não só na sociedade atual, mas também em vista duma sociedade reformada, que continuaria a ter por base a propriedade privada e o direito de herança? Não será uma mentira infame falar em desenvolvimento das capacidades individuais, nestas circunstâncias?

Fala-se hoje muito em liberdade individual, mas no entanto aquilo que domina, não é o ser humano, o indivíduo em geral; é o indivíduo privilegiado pela sua posição social, é a posição; é a classe. Que um indivíduo inteligente da burguesia ouse apenas levantar uma mão contra os privilégios econômicos dessa respeitável classe, e veremos quantos desses bons burgueses, que só falam em liberdade individual, respeitarão a dele! Venham-nos então falar em liberdades individuais! Não vemos nós todos os dias os indivíduos mais inteligentes entre operários e burgueses serem obrigados a cederem e a rebaixarem-se diante da estupidéz dos herdeiros do bezerro de ouro? As liberdades individuais, não privilegiadas mas humanas, as capacidades reais dos indivíduos só poderão ser plenamente desenvolvidas em igualdade completa. Só quando houver *igualdade desde o início* para todos os homens em cima da terra, só então — salvaguardando os superiores direitos da solidariedade, que é e continuará a ser a principal base de toda a vida social: inteligência humana e bens materiais — se poderá dizer que todo o indivíduo é fruto do seu próprio esforço. Donde concluímos que, para que as capacidades individuais prosperem e não sejam mais impedidas de darem todos os seus frutos, é necessário, antes de mais nada, que todos os privilégios individuais, tanto políticos como econômicos, isto é, todas as classes, sejam abolidos. — É necessário que desapareça a

propriedade individual e o direito de herança, é necessário que a igualdade econômica, política e social triunfe.

Mas, uma vez triunfante e seguramente estabelecida a igualdade, não continuarão a existir diferenças de capacidade e de grau de energia nos diferentes indivíduos? Continuarão, não tanto como hoje, mas continuarão sem dúvida. Existe uma verdade do passado, em provérbio, e que provavelmente nunca deixará de ser verdade: não há árvore que tenha duas folhas iguais. Com muito mais razão será verdade para os homens que são muito mais complexos do que as folhas. Mas esta diversidade, longe de ser um mal, é, pelo contrário, como muito bem observou o filósofo alemão Feuerbach, uma riqueza da humanidade. A humanidade é, graças a ela, um todo coletivo, em que cada um completa o todo, e dele necessita; essa infinita diversidade é, assim, a principal causa e fundamento da solidariedade entre os seres humanos, um poderoso argumento a favor da igualdade.

No fundo, mesmo na sociedade atual, se retirarmos duas categorias de homens, os homens de gênio e os idiotas, e se abstrairmos das diferenças criadas artificialmente pela influência de milhares de causas sociais, tais como a educação, a instrução, a posição econômica e política, que diferem não só de estrato para estrato, como de família para família, é necessário reconhecer que, do ponto de vista das capacidades intelectuais e da força moral, a esmagadora maioria dos homens parecem-se muito uns com os outros ou, pelo menos, equivalem-se — uma fraqueza sob determinado ângulo — de tal modo que se torna quase impossível dizer se um homem tirado dessa imensa massa está acima ou abaixo de um qualquer outro. A imensa maioria dos homens não são idênticos, mas equivalentes e, por consequência, iguais. O argumento dos nossos adversários só serve, portanto, para os homens de gênio e para os idiotas.

O idiotismo, como se sabe, é uma doença psicológica e social. Deve, portanto, ser tratado, não nas escolas, mas nos hospitais, e é legítimo esperar que a introdução de uma higiene social mais racional e sobretudo mais cuidado da saúde física e moral dos indivíduos do que a atual, e a organização igualitária da nova sociedade, acabem por fazer desaparecer completamente da superfície da terra essa doença tão humilhante para a espécie humana. Quanto aos homens de gênio, é necessário sublinhar que felizmente ou infelizmente, como se queira, eles nunca apa-

receram na história senão como raríssimas exceções a todas as regras conhecidas, e as exceções não se organizam. Esperemos, no entanto, que a futura sociedade encontre, na organização realmente democrática e popular da sua força coletiva, meios de tornar os grandes gênios menos necessários, menos esmagadores e realmente mais benéficos para toda a gente. Porque é preciso não esquecer nunca o profundo pensamento de Voltaire: "Há quem tenha mais gênio que os grandes gênios, é toda a gente". Trata-se, pois, apenas de organizar essa *toda a gente* através da mais completa liberdade baseada na maior igualdade econômica, política e social, para que não haja nada a temer das veleidades ditatorais e da ambição despótica dos homens de gênio.

Quanto a produzir homens de gênio através da educação, nem vale a pena pensar nisso. Aliás, de todos os homens de gênio conhecidos, nenhum ou quase nenhum se revelou como tal na sua infância, nem na sua adolescência, nem mesmo na primeira juventude. Só se mostraram tais como eram na idade madura, e muitos só depois da morte se revelaram, ao passo que muitos grandes homens falhados, que tinham sido reconhecidos na sua juventude como homens superiores, acabaram as suas carreiras na mais completa nulidade. Não é pois nunca na infância, ou mesmo na adolescência, que se pode determinar as superioridades ou inferioridades relativas dos homens, nem o grau das suas capacidades, nem as suas tendências naturais. Todas as coisas se manifestam e se determinam através do desenvolvimento dos indivíduos, e, como há características precoces e outras muito lentas, ainda que quase nunca inferiores e muitas vezes superiores, é evidente que nenhum professor poderá jamais prever a carreira e o tipo de ocupação que as crianças terão quando chegarem à idade da liberdade.

Donde resulta que a sociedade, independentemente das diferenças reais ou fictícias de aptidões e capacidades de cada um, e não tendo qualquer meio para determinar, nem o direito de fixar a futura carreira das crianças, tem por obrigação dar a todos, sem exceção, *uma educação e uma instrução absolutamente iguais*.

(L'Egalité, N.º 29, 7 de Agosto de 1869)

A instrução a todos os graus deve ser igual para todos, e por conseguinte, deve ser integral, isto é, deve preparar todas as crianças de ambos os sexos tanto para a vida do espírito como do trabalho, a fim de que todos se possam tornar pessoas completas.

A filosofia positiva, ao destruir as fábulas religiosas e os sonhos da metafísica, permite-nos antever qual deverá ser, no futuro, a instrução científica. Ela deverá ter por base o conhecimento da natureza, e por cúpula a sociologia. O ideal, deixando de ser o denominador e o violador da vida, como sempre tem sido em todos os sistemas metafísicos e religiosos, não será doravante mais do que a última e mais bela expressão do mundo real. Deixando de ser um sonho, tornar-se-á ela própria uma realidade.

Uma vez que não há inteligência, seja ela qual for, que possa abarcar na especialidade todas as ciências, e que, por outro lado, é absolutamente necessário ao completo desenvolvimento do espírito, um conhecimento geral de todas elas, o ensino deverá dividir-se, naturalmente, em duas partes: a geral, que fornecerá os principais elementos de todas as ciências, sem exceção, bem como um conhecimento, não superficial, mas real, do seu conjunto; e a especial, necessariamente dividida em vários grupos ou faculdades, em que cada uma abrangerá em toda a sua especialidade um certo número de ciências que, pela sua própria natureza, são particularmente chamadas a completarem-se.

A primeira parte, a geral, será obrigatória para todas as crianças; constituirá, se assim se pode dizer, a educação humana do seu espírito, substituindo totalmente a metafísica e a teologia, situando, ao mesmo tempo, as crianças a um nível suficientemente elevado para que, uma vez chegadas à adolescência, possam escolher com perfeito conhecimento de causa a faculdade que melhor convirá às suas aptidões e gostos particulares.

Dar-se-á com certeza o caso de, ao escolherem as suas especialidades científicas, os adolescentes, influenciados por qualquer motivo secundário, interior ou exterior, se enganarem e optarem por uma faculdade e por uma carreira que não serão precisamente aquelas que melhor se adaptariam às suas aptidões. Mas como nós somos, nós, partidários, não hipócritas mas sinceros

da *liberdade individual*; como, em nome dessa liberdade, nós detestamos profundamente o princípio da autoridade bem como todas as possíveis manifestações desse divino princípio, anti-humano; como nós detestamos e condenamos, com todo o nosso profundo amor pela liberdade, a autoridade paternal bem como a do mestre escola; como as consideramos igualmente desmoralizantes e funestas, e como a experiência de todos os dias nos mostra que tanto o pai de família como o mestre escola, apesar da sua obrigatória e proverbial sabedoria, e precisamente por causa disso, se enganam sobre as capacidades das suas crianças mais facilmente do que elas próprias, e que, segundo esta lei absolutamente humana, incontestável, fatal, de que todo aquele que domina está sempre sujeito a abusar, os mestres escola e os pais de família, ao determinarem arbitrariamente o futuro das crianças, interrogam muito mais os seus próprios gostos do que as tendências naturais das crianças; como, em resumo, as faltas cometidas pelo despotismo são sempre mais funestas e menos reparáveis do que as cometidas pela liberdade, sustentamos total e plenamente, contra todos os tutores oficiais, oficiosos, paternais e pedantes do mundo, a liberdade das crianças escolherem e determinarem a sua própria carreira.

Se se enganarem, o próprio erro cometido lhes servirá de lição eficaz para o futuro, e a instrução geral que terão recebido, ao servir-lhes de ponto de referência, lhes permitirá facilmente voltar ao caminho que a própria natureza lhes aponta.

Tanto as crianças como os homens maduros, não se tornam sábios senão através da sua própria experiência, e nunca pela dos outros.

Na instrução integral, paralelamente ao ensino *científico ou teórico*, deverá existir necessariamente o *ensino industrial ou prático*. Só assim será possível formar um homem completo: o trabalhador que compreende e que sabe.

O ensino industrial, tal como o ensino científico, dividir-se-á também em duas partes: conhecimentos gerais, que darão às crianças as idéias gerais e o próprio conhecimento prático de todas as indústrias, que constituem a civilização no aspecto material, a totalidade do trabalho humano; e a parte especial, dividida em grupos de indústrias mais especificamente ligadas entre si.

O ensino geral deve preparar os adolescentes para escolhe-

rem livremente o grupo especial de indústrias, e, dentro destas últimas, a indústria em particular de que mais gostam. Uma vez entradas nessa segunda fase do ensino industrial, farão, sob a direção dos seus professores, a primeira aprendizagem do trabalho sério.

Paralelamente ao ensino científico e industrial, haverá necessariamente um ensino prático, ou melhor, uma sucessão de experiências de moral, não divina, mas humana. A moral divina baseia-se nestes dois princípios imorais: o respeito pela autoridade e o desprezo pela humanidade. A moral humana, pelo contrário, funda-se no desprezo pela autoridade e no respeito pela liberdade e pela humanidade. A moral divina considera o trabalho como uma degradação e uma humilhação; a moral humana vê nela a condição suprema da felicidade e dignidade humanas. A moral divina conduz, necessariamente à política que só reconhece direitos aqueles que, devido à sua situação econômica privilegiada, podem viver sem trabalhar. A moral humana, só diz respeito àqueles que trabalham; ela considera que só pelo trabalho o homem se torna homem.

A educação das crianças, tendo como ponto de partida a autoridade, deve gradualmente conduzir à mais completa liberdade. Nós entendemos a liberdade, do ponto de vista positivo, o pleno desenvolvimento de todas as faculdades que o homem possui; e, do ponto de vista negativo, a inteira independência da vontade de cada um face aos outros.

O homem não é nem nunca será livre relativamente às leis naturais e sociais; as leis que assim dividimos em duas categorias por questão metodológica, fazem parte, na realidade, duma mesma categoria, porque ambas são leis naturais, fatais e que constituem a própria base de toda a existência, de tal modo que todo e qualquer ser vivo que contra elas se revolte mais não tem a fazer do que suicidar-se.

Mas é preciso distinguir bem estas leis naturais das leis autoritárias, arbitrárias, políticas, religiosas, criminais e civis, que as classes privilegiadas estabeleceram na história, sempre com vista a explorar o trabalho das massas operárias, com o único fim de lhes cortar a liberdade, e que, sob pretexto dessa fictícia moral, sempre foram fonte da mais profunda imoralidade. Assim, obediência involuntária e fatal a todas as leis que, independentes de qualquer vontade humana, são a própria vida da natu-

reza e da sociedade; mas também absoluta independência de cada um relativamente a todas as pretensões de comando, relativamente a todas as vontades humanas, tanto coletivas como individuais, que queiram impor, não a sua natural influência, mas a sua lei.

Quanto a influência natural que os homens exercem uns sobre os outros, trata-se ainda duma dessas condições da vida social contra as quais a revolta seria tão inútil como impossível. Esta influência é a própria base material, intelectual e moral, da solidariedade humana. O ser humano, produto da solidariedade ou da sociedade, ao estar submetido às suas leis naturais, pode perfeitamente, sob a influência de sentimentos vindos do exterior, e nomeadamente de uma sociedade estrangeira, reagir contra ela até um certo ponto, mas nunca dela será capaz de sair se não se situar imediatamente num outro meio solidário e sem dele receber novas influências. Porque, para o homem, a vida fora de toda e qualquer sociedade ou influência humana, num absoluto isolamento, é a morte intelectual, moral e também material. A solidariedade é, não o produto, mas a origem da individualidade, e a personalidade humana não pode nascer nem desenvolver-se senão na sociedade humana.

O conjunto das influências sociais dominantes, expresso pela consciência solidária e geral de um grupo humano mais ou menos extenso, tem o nome de *opinião pública*. E quem não conhece a ação toda-poderosa exercida pela opinião pública sobre todos os indivíduos? A ação das leis restritivas mais draconianas é nula comparando-a com ela. É portanto a opinião pública a educadora dos homens por excelência; donde resulta que, para moralizar (1) os indivíduos, é preciso moralizar antes de mais a própria sociedade, é preciso humanizar a sua opinião ou a sua consciência pública.

(L'Egalité, N. 30, 14 de Agosto de 1869)

(1) O termo "moralizar" (no original *moraliser*) significa tão só, como se verá no decorrer do texto, *transmitir uma nova moral*, a humana, segundo o próprio Bakunine, razão porque se optou por ele, e não por *consciencializar*, como por vezes poderia parecer.

Para moralizar os homens, como dissémos, é necessário moralizar o meio social.

O socialismo, baseado na ciência positiva, recusa absolutamente a doutrina do livre arbítrio; considera que tudo aquilo a que se chama vícios e virtudes dos homens mais não é do que o produto da ação combinada da natureza propriamente dita e da sociedade. A natureza, enquanto atividade etnográfica, fisiológica e patológica, criou as forças e as tendências a que damos o nome de naturais, e a organização social desenvolve-as, trava-as ou altera o seu movimento. Todos os indivíduos, sem exceção, são em todos os momentos da sua vida o resultado da natureza e da sociedade.

A ciência estatística só é possível graças a esta *fatalidade* natural e social. Esta ciência não se contenta em constatar e enumerar os fatos sociais, procura o seu encadeamento e relações com a organização da sociedade. A estatística criminal, por exemplo, constata que num país, numa mesma cidade, durante um período de 10, de 20, de 30 anos ou mais, caso nenhuma crise social e política transforme as disposições da sociedade, o mesmo crime ou o mesmo delito é cometido todos os anos, mais ou menos, na mesma proporção; e o que é ainda mais notável, o seu modo de perpetração renova-se tantas vezes num como noutra ano; por exemplo, o número de envenenamentos, de homicídios com o ferro ou com armas de fogo, bem como o número de suicídios por tal ou tal meio, são quase sempre os mesmos. O que levou o célebre estatístico belga, M. Quételet, a dizer estas palavras memoráveis: "A sociedade prepara os crimes e os indivíduos apenas os executam".

Esta verificação periódica dos mesmos fatos sociais não poderia ter lugar, se as disposições intelectuais e morais dos homens, bem como os atos da sua vontade, tivessem por origem o livre arbítrio. Ou a expressão livre arbítrio não tem sentido, ou então significa que o indivíduo se determina espontaneamente, por si só, fora de qualquer influência exterior, natural ou social. Mas se assim fosse, se todos os homens pudessem por si próprios existiria no mundo uma enorme anarquia; qualquer tipo de solidariedade seria possível, e todos esses milhões de vontades, ab-

solutamente independentes umas das outras, limitando-se mutuamente, tenderiam a autodestruírem-se e acabariam mesmo por o fazer, se não houvesse acima delas a despótica vontade da divina providência, que "condicionaria o sem movimento", e que, aniquilando-as todas ao mesmo tempo, imporia a essa humana confusão a ordem divina.

E eis que os partidários do princípio do livre arbítrio são levados fatalmente pela lógica a reconhecerem a existência e a ação da divina providência. É a base de todas as doutrinas teológicas e metafísicas, um magnífico sistema que há já muito se juntou à consciência humana, e que, do ponto de vista da reflexão abstrata ou da imaginação religiosa e poética, vista de longe, parece de fato plena de harmonia e de grandeza. Só é pena que a realidade histórica que correspondeu a esse sistema sempre tenha sido horrorosa, e que o próprio sistema não possa suportar a crítica científica.

Com efeito, é sabido que enquanto o direito divino reinou sobre a terra, a imensa maioria dos homens foi brutal e impiedosamente explorada, atormentada, oprimida e dizimada; é também sabido que ainda hoje é sempre em nome da divindade teológica ou metafísica que se faz esforço por manter as massas populares na escravidão; e não pode ser de outro modo, porque, uma vez que é uma divina vontade que governa o mundo, tanto a natureza como a sociedade humana, a liberdade humana é absolutamente anulada. A vontade do homem é necessariamente impotente perante a divina vontade. O que é que daqui resulta? É que ao pretender defender a liberdade abstrata ou fictícia dos homens, o livre arbítrio, fica-se obrigado a negar a sua liberdade real. Em presença da onipotência e da onipresença divinas, o homem é um escravo. Uma vez que a liberdade do homem em geral foi destruída pela providência divina, só resta o privilégio, isto é, os direitos especiais concedidos pela divina graça a um determinado indivíduo, hierarquia, dinastia e classe.

Por outro lado, a providência divina torna impossível toda e qualquer ciência, o que quer dizer que é simplesmente a negação da razão humana, ou então, se a reconhecemos, é necessário renunciar ao bom-senso. Desde o momento em que o mundo é governado pela vontade divina, torna-se desnecessário procurar o encadeamento natural dos fatos, considerando-os uma série de

manifestações dessa vontade suprema, cujas determinações, como diz a sagrada Escritura, são e devem continuar a ser impene-tráveis para a razão humana, sob pena de perderem o seu caráter divino. A divina providência não é apenas a negação de toda a lógica humana, mas da própria lógica em geral, porque toda a lógica implica uma necessidade natural, e esta necessidade seria contrária à divina liberdade; é, do ponto de vista humano, o triunfo da negação do bom-senso. Aqueles que pretendam crer devem renunciar tanto à liberdade como à ciência, e, ao se deixar explorar, espesinhar pelos privilegiados do Bom Deus, devem repetir com Tertullien: "Eu acredito no que é absurdo (1)", acrescentando esta outra expressão, tão lógica como a primeira: "Eu quero a iniquidade".

Quanto a nós, que renunciamos voluntariamente às felicidades do outro mundo, e que reivindicamos o triunfo total da humanidade sobre esta terra, reconhecemos humildemente que não entendemos absolutamente nada da lógica divina, e que nos contentaremos com a lógica humana baseada na experiência e no conhecimento do encadeamento dos fatos, tanto naturais como sociais.

Esta experiência acumulada, coordenada e refletida a que chamamos ciência, demonstra-nos que o livre arbítrio é uma ficção impossível, contrária à própria natureza das coisas; aquilo a que se chama vontade mais não é do que o produto do exercício duma faculdade nervosa, tal como a nossa força física mais não é do que o produto do exercício dos nossos músculos, e por consequência tanto uma como outra são produtos da vida natural e social, isto é, das condições físicas e sociais em que cada indivíduo nasceu, e dentro das quais continua a desenvolver-se; e repetimos que qualquer homem, em cada momento da sua vida, é o produto da ação combinada da natureza e da sociedade, donde resulta claramente a verdade que havíamos enunciado no número anterior; para moralizar os homens, é necessário moralizar o seu meio social.

Para o moralizar, existe apenas um meio, o de fazer triunfar a justiça, isto é, a mais completa liberdade (2) de cada um, na

(1) A frase real é: "Eu creio *porque* é absurdo" — "Credo quia absurdum".

(2) Já dissemos aquilo que entendemos por liberdade: por

mais perfeita igualdade de todos. A desigualdade de condições e de direitos, a ausência de liberdade para cada um, que dela resulta necessariamente, é a grande iniquidade coletiva, que dá origem a todas as iniquidades individuais. Suprime-a, e todas as outras desaparecerão.

Tememos que, devido à pouca solicitude dos homens privilegiados em se deixarem moralizar, ou, o que quer dizer o mesmo, em se deixarem igualizar, só através da revolução social seja possível efetivar o triunfo da justiça. Deixando isso, por ora, para trás, nos limitaremos a proclamar mais uma vez essa verdade, aliás evidente, que enquanto o meio social não se moralizar, a moralização dos indivíduos será impossível.

Para que os homens sejam morais, isto é, homens completos no sentido mais lato do termo, são necessárias três coisas: um nascimento higiênico, uma instrução racional e integral, acompanhada de uma educação baseada no respeito pelo trabalho, pela razão, pela igualdade e pela liberdade, e um meio social em que cada indivíduo, gozando de plena liberdade, seja realmente, de direito e de fato, igual a todos os outros.

Será que esse meio existe? Não. Portanto, é necessário fundá-lo. Se no meio existente, se conseguisse fundar escolas que dessem aos alunos instrução e uma educação tão perfeitas quanto é possível hoje imaginar, conseguiriam elas criar homens justos, livres, morais? Não, porque, ao sair da escola se encontrariam numa sociedade que é dirigida por princípios absolutamente contrários a essa educação e a essa instrução e, como a sociedade é sempre mais forte do que os indivíduos, não tardaria a dominá-los, isto é, a desmoralizá-los. Mais ainda, a própria fundação de tais escolas é impossível no atual meio social. Porque a vida social abarca tudo, invade as escolas, as vidas das famílias e de todos os indivíduos que dela fazem parte.

Os mestres, os professores, os pais, todos são membros desta sociedade, todos estão mais ou menos embrutecidos e desmoralizados por elas. Como dariam eles aos alunos aquilo que a eles

um lado, o desenvolvimento completo quanto possível de todas as capacidades naturais de cada indivíduo, e por outro, a sua independência, não relativamente às leis naturais e sociais, mas relativamente a todas as leis impostas por outras vontades humanas, sejam coletivas ou isoladas (Nota de Bakunine).

próprios lhes falta? A moral não se prega senão pelo exemplo, e, sendo moral socialista completamente contrária à atual moral, os professores, necessariamente mais ou menos dominados por esta última, fariam diante dos seus alunos precisamente o contrário daquilo que pregariam. Portanto a educação socialista é impossível tanto nas escolas como nas famílias atuais.

Mas a instrução integral é igualmente impossível: Os burgueses não acham de modo algum que os seus filhos devam transformar-se em trabalhadores, e os trabalhadores estão privados de todos os meios que possibilitariam aos seus filhos uma instrução científica.

Gosto muito desses bons socialistas burgueses que passam dias a gritar: "Instruamos primeiro o povo, para emancipá-lo depois". Nós dizemos ao contrário: Que se emancipe primeiro o povo, e ele se instruirá a si próprio. Quem instruirá o povo? Seréis vós? Mas vós não o instruis, vós o envenenais tentando inculcar-lhe preconceitos religiosos, históricos, políticos, jurídicos e econômicos; que garantam a vossa existência contra ele, que, ao mesmo tempo, matam a sua inteligência, fazem crescer a sua indignação e a sua vontade. Esmagando-o com o seu trabalho quotidiano e pela sua miséria, e dizendo-lhe: "Instruí-vos!" Gostaríamos de vos ver a todos, com os vossos filhos, instruindo-vos depois de 13, 14, 16 horas de trabalho embrutecedor, com a miséria e a incerteza do amanhã como recompensa.

Apesar de todo o nosso respeito para com a grande questão da instrução integral, declaramos que tal é hoje a grande questão que se põe ao povo. A primeira questão, é a da sua emancipação econômica, que leva necessariamente à sua emancipação política, e pouco depois à sua emancipação intelectual e moral.

Adotamos, por conseguinte, na totalidade, a resolução votada pelo Congresso de Bruxelas:

"Reconhecendo que é atualmente *impossível organizar um ensino nacional*, o Congresso convida as diferentes seções a estabelecerem cursos públicos seguindo um programa de ensino científico, profissional e produtivo, isto é, um ensino integral, para remediar tanto quanto possível a insuficiência da instrução que os operários recebem atualmente. *Evidentemente que a redução das horas de trabalho é considerada uma condição prévia indispensável*".



Os operários farão sem dúvida todos os esforços possíveis para terem acesso à instrução, nas condições materiais em que se encontram presentemente. Mas, sem se deixarem levar pelos cantos de sereia dos burgueses e dos socialistas burgueses, concentrarão antes de mais nada todos os esforços sobre a grande questão da sua *emancipação econômica*, que deverá ser a origem de todas as outras emancipações.

(L'Egalité, N. 31, 21 de Agosto de 1869)

POLÍTICA DA INTERNACIONAL

"Sempre julgamos, diz o *La Montagne*, que as opiniões políticas e religiosas eram independentes da qualidade de membro da Internacional; e, quanto a nós, é sobre esse terreno que nos situamos".

Poderá se crer, à primeira vista, que o senhor Courllery tem razão. Porque, com efeito, a Internacional, ao aceitar no seu seio um novo membro, não lhe pergunta se é religioso ou ateu, se pertence a tal ou a tal partido ou se pertence a algum; pergunta-lhe simplesmente: És operário, ou, se o não és, queres, sentes necessidade e força para abraçares francamente, completamente, a causa dos operários, de com eles te identificares, excluindo todas as outras causas que lhes poderiam ser contrárias?

Tens consciência de que os operários, que produzem todas as riquezas do mundo, que são os criadores da civilização e que conquistaram todas as liberdades burguesas, estão hoje condenados à ignorância e à escravidão? Compreendeste que a causa principal de todos os males que afligem o operário, é a miséria, e que esta miséria, que é o quinhão que cabe a todos os trabalhadores do mundo, é uma consequência necessária da atual organização econômica da sociedade, e principalmente da servidão do trabalho, isto é, do proletariado, sob o jugo do capital, quer dizer, da burguesia?

Compreendeste que entre o proletariado e a burguesia existe um antagonismo que é irreconciliável, pois que é uma consequência necessária das suas posições respectivas? Que a prosperidade da classe burguesa é incompatível com o bem-estar e a liberdade dos trabalhadores, porque esta prosperidade exclusiva não é nem pode ser fundada senão na exploração e na escravidão do seu trabalho, e que, pela mesma ra-

ção, a prosperidade e a dignidade humana das massas operárias exigem absolutamente a abolição da burguesia como classe autônoma (1)? Que, por conseguinte, a guerra entre o proletariado e a burguesia é fatal, e só pode acabar através da destruição desta última?

Compreendeste que nenhum operário, por muito inteligente e enérgico que seja, pode lutar só contra o tão bem organizado poder da burguesia, poder esse representado e apoiado principalmente pela organização do Estado, de todos os Estados? Que, para adquirir força, deves associar-te, não com os burgueses, que seria da tua parte ou uma idiotice ou um crime, porque todos os burgueses enquanto tal, são nossos irreconciliáveis inimigos, nem com os operários traidores, que seriam suficientemente vis para irem mendigar os sorrisos e a indulgência dos burgueses, mas com operários honestos, enérgicos, e que querem verdadeiramente o mesmo que tu?

Compreendeste que devido à extraordinária união de todas as classes privilegiadas, de todos os proprietários, de todos os capitalistas, e de todos os Estados do mundo, uma associação operária isolada, local ou nacional, mesmo que situada num dos maiores países da Europa, não poderá jamais triunfar, e que, para fazer face a essa união e para alcançar o triunfo, é necessário nada mais nada menos de que a união de todas as associações operárias locais e nacionais numa associação universal, é necessária a *grande Associação Internacional dos Trabalhadores de todos os países*?

Se tens realmente consciência disto, se compreendeste e se queres realmente tudo isto, vem a nós, sejam quais forem as tuas crenças políticas ou religiosas. Mas, para que te possamos aceitar, deves prometer-nos: 1.^o subordinar doravante os teus interesses pessoais, mesmo os da tua família, bem como as tuas convicções e manifestações políticas e religiosas, ao interesse supremo da nossa associação: a luta do trabalho contra o capital, dos trabalhadores contra a burguesia no campo económico; 2.^o nunca, a interesse próprio, transigir com os burgueses; 3.^o nunca procurares elevar-te individualmente, no teu próprio interesse, acima da massa operária, o

(1) No original: *separée*. (N.T.)

que faria de ti próprio imediatamente um burguês, um inimigo e um explorador do proletariado; porque toda a diferença entre o burguês e o trabalhador é que o primeiro procura sempre o seu bem fora da coletividade, e o segundo procura e pretende apenas conquistá-lo solidariamente com todos aqueles que trabalham e que são explorados pelo capital burguês; 4.^o permanecerás sempre fiel à solidariedade operária, porque a menor traição a esta solidariedade é considerada pela Internacional como o maior crime e a maior infâmia que um operário pode cometer. Em resumo, deves aceitar franca e plenamente os nossos estatutos gerais, e assumir o compromisso solene de os seguir doravante nos teus atos e na tua vida.

Pensamos que os fundadores da Associação Internacional agiram com uma grande sensatez ao eliminar, desde o início, todas as questões políticas e religiosas do programa desta Associação. Não lhes faltam, sem dúvida, a eles próprios, nem opiniões políticas nem opiniões anti-religiosas bem definidas; mas eles abstiveram-se de as incluir no programa, porque a sua principal finalidade era unir todas as massas operárias do mundo civilizado numa ação comum. Tiveram necessariamente de procurar uma base comum, uma série de simples princípios sobre os quais todos os trabalhadores, sejam quais forem as suas aberrações políticas e religiosas, conquanto fossem operários sérios, isto é, homens duramente explorados e oprimidos, estão e devem estar de acordo.

Se tivessem erguido a bandeira dum sistema político ou anti-religioso, longe de unir os trabalhadores da Europa, eles teriam se dividido ainda mais; porque, com a ajuda da ignorância dos operários, a propaganda interesseira e altamente corrosiva dos padres e de todos os partidos políticos burgueses, sem exceção para os mais vermelhos, espalhou uma multidão de falsas idéias nas massas operárias, e porque as massas cegas se apaixonam, infelizmente, ainda muitas vezes por mentiras, que mais não pretendem do que servirem voluntária e estupidamente, em detrimento dos seus próprios interesses, os das classes privilegiadas.

Aliás, existe ainda uma grande diferença entre os graus de desenvolvimento industrial, político, intelectual e moral das massas operárias nos diferentes países, para que seja pos-

sível uni-las num único programa político e anti-religioso. Aceitar um programa desses para a Internacional, como condição de entrada nessa Associação, seria querer organizar uma seita, não uma associação universal, seria matar a Internacional.

Houve ainda uma outra razão que fez com que eliminasse do programa da Internacional, na aparência, pelo menos, e só na aparência, toda e qualquer tendência política.

Desde o começo da história, até hoje, não houve ainda política do povo, e nós entendemos por isso o povo rude, a *canalha operária* que alimenta o mundo com o seu trabalho; só houve a política das classes privilegiadas; essas classes serviram-se do poder muscular do povo para se destronarem mutuamente, e para se substituírem umas às outras. O povo por seu lado nunca tomou partido duns contra os outros senão com a vaga esperança de que ao menos uma das suas revoluções políticas, pois que nenhuma foi feita sem ele, embora nenhuma para ele, trouxesse algum alívio à sua miséria e escravidão seculares. Mas sempre se enganou. Até a grande Revolução Francesa. Ela matou a aristocracia nobiliária e colocou em seu lugar a burguesia. O povo já não se chama nem escravo, nem servo; é proclamado livre em direito, mas de fato a sua escravatura e a sua miséria permaneceram as mesmas.

E eles continuarão a ser sempre os mesmos, enquanto as massas populares continuarem a servir de instrumento da política burguesa, seja essa política apelidada de conservadora, liberal, progressista, radical, e mesmo que se desse aos ares mais revolucionários do mundo. Porque toda a política burguesa seja qual for a sua cor ou nome, não tem senão um fim: *a manutenção da dominação burguesa; e a dominação burguesa, é a escravidão do proletariado.*

Que teve então de fazer a Internacional? Teve primeiramente de afastar as massas operárias da política burguesa, teve de eliminar do seu programa todos os programas políticos burgueses. Mas, à época da sua formação, não havia no mundo outra política que a da Igreja ou da monarquia, ou da aristocracia, ou da burguesia; a última, sobretudo a da burguesia radical, era sem dúvida mais liberal e mais humana do que as outras, mas todas igualmente baseadas na exploração das

massas operárias e tendo, na realidade, como fim único a disputa do monopólio dessa exploração. A internacional teve, portanto, de começar por desbravar o terreno, e como, do ponto de vista da emancipação do trabalho, toda política se encontrava então infestada de elementos reacionários teve de excluir do seu seio todos os sistemas políticos conhecidos, a fim de poder fundar, sobre as ruínas do mundo burguês, a verdadeira política dos trabalhadores, a política da Associação Internacional.

(L'Egalité. N.º 29, 7 de Agosto de 1869)

II

Os fundadores da Associação Internacional dos Trabalhadores agiram com extraordinária sensatez ao evitar assentar em princípios políticos e filosóficos, como base dessa associação, e ao fundar-se primeiramente apenas na luta exclusivamente econômica do trabalho contra o capital, pois estavam certos de que, a partir do momento em que um operário se coloca neste campo, a partir do momento em que, ganhando confiança nos seus direitos e na sua força numérica, se insere com os seus companheiros de trabalho numa luta solidária contra a exploração burguesa, será necessariamente levado, pela própria força das coisas, e pelo desenvolvimento dessa luta, a reconhecer rapidamente todos os princípios políticos, socialistas, e filosóficos da Internacional, princípios que não são mais, com efeito, que a justa expressão do seu ponto de partida, do seu fim.

Expusemos já, nos nossos últimos números, esses princípios. Do ponto de vista político e social, tem por consequência necessária a abolição das classes, portanto da burguesia, que é a classe hoje dominante; a abolição de todos os estados territoriais, de todas as pátrias políticas, e, sobre as suas ruínas, o estabelecimento da grande federação internacional de todos os grupos produtivos, nacionais e locais. Do ponto de vista filosófico, na medida em que pretendem apenas a realização do ideal humano, da felicidade humana, da igualdade,

da justiça e da liberdade sobre a terra, e que por isso mesmo tendem a tornar completamente inúteis todos os complementos celestes e todas as esperanças dum mundo melhor, terão igualmente por consequência necessária a abolição dos cultos de todos os sistemas religiosos.

Anunciai logo de início a operários ignorantes, esmagados pelo trabalho diário e desmoralizados, envenenados, por assim dizer, conscientemente pelas doutrinas perversas que os governos, em concerto com todas as castas privilegiadas, os padres, nobreza, burguesia, lhes distribuem às mãos cheias, e eles se assustarão; afastando-se provavelmente, sem suspeitarem que todas essas idéias mais não são do que a mais fiel expressão dos seus próprios interesses, que esses fins contêm em si a realização dos seus mais queridos desejos; e que, por outro lado, os preconceitos religiosos e políticos, em nome dos quais provavelmente vos afastarão, são a causa direta da manutenção da sua escravidão e miséria.

É preciso distinguir bem os preconceitos das massas populares, dos da classe privilegiada. Os preconceitos das massas, como acabamos de dizer, baseiam-se na sua ignorância e são absolutamente contrários aos seus interesses, enquanto que os da burguesia são baseados precisamente nos interesses desta classe, e só se mantêm, contra a ação dissolvente da própria ciência burguesa, graças ao egoísmo coletivo dos burgueses. O povo quer, mas não sabe; a burguesia sabe mas não quer. Qual dos dois é incurável? A burguesia, sem dúvida nenhuma.

Regra geral: só se podem converter aqueles que sentem necessidade de o serem, aqueles que contêm já nos seus instintos ou na miséria da sua posição, seja exterior, seja interior, tudo aquilo que se lhe queira dar; nunca se poderá converter aqueles que não reconhecem a necessidade duma mudança, e nem sequer os que, desejando sair duma posição em que se encontram descontentes, são levados, pela natureza dos seus hábitos morais, intelectuais e sociais, a procurá-la num mundo que não é o das vossas idéias.

Convertei, peço-vos, para o socialismo um nobre que cobice a riqueza, um burguês que deseja se tornar nobre, ou até um operário que quisesse com todas as forças da sua alma transformar-se em burguês! Convertei ainda um aristocrata

real ou imaginário da inteligência, um sábio, metade, um quarto, um décimo ou uma centésima parte de sábio, que, plenos de ostentação científica, e muitas vezes apenas porque tiveram a felicidade de terem compreendido menos mal alguns livros, se enchem de desprezo arrogante pelas massas iletradas, e que se imaginam serem chamados a formarem entre eles uma nova casta dominante, isto é, exploradora.

Não há raciocínio nem propaganda que seja alguma vez capaz de converter estes infelizes. Só há um meio de os converter: é a prática, é a destruição da própria possibilidade das situações privilegiadas, de toda e qualquer dominação e exploração; é a revolução social, que, ao varrer tudo o que constitui desigualdade no mundo, os moralizará (1) forçando-os a encontrarem a sua felicidade na igualdade e na solidariedade.

O mesmo não se passa com os operários sérios. Entendemos por operários sérios todos aqueles que são realmente esmagados pelo peso do trabalho; todos aqueles cuja posição é tão precária e tão miserável que não possam sequer conceber, a não ser senão em circunstâncias absolutamente extraordinárias, a idéia de conquistarem por *si próprios*, e só por si próprios, nas condições econômicas e no meio social atuais, uma posição melhor; de se tornarem, por exemplo, por sua vez, patrões ou conselheiros de Estado. Incluiremos também, sem dúvida, nesta categoria os raros e generosos operários que, ao terem a possibilidade de se elevarem, individualmente, acima da classe operária, não querendo disso se aproveitarem, preferem sofrer ainda durante algum tempo, solidariamente com os seus camaradas de miséria, a exploração dos burgueses, a tornarem-se, por seu turno, exploradores. Esses não precisam ser convertidos; são socialistas puros.

Falamós da grande massa operária que, moída pelo seu trabalho quotidiano, é ignorante e miserável. Esta, sejam quais forem os preconceitos políticos e religiosos que lhes tenham inculcado e mesmo feito prevalecer na sua consciência, é socialista sem o saber; ela é no mais profundo de si própria, e pela própria força da sua posição, mais seriamente, mais realmente socialista, do que todos os socialistas científicos e burgueses juntos. Ela é socialista por todas as condições da sua existência material, por

(1) Ver nota da página 46.

todas as necessidades do seu ser, enquanto que estes últimos são apenas por necessidade do seu pensamento; e, na vida real, as necessidades da existência exercem sempre uma pressão muito mais forte do que as do pensamento, sendo este entendido aqui, como em qualquer situação e sempre, como expressão do ser, o reflexo dos seus sucessivos desenvolvimentos, mas nunca o seu princípio.

O que falta aos operários, não é a realidade, a necessidade real das aspirações socialistas, falta-lhe apenas o pensamento socialista. O que cada operário exige no fundo do seu coração: uma existência plenamente humana enquanto bem-estar material e desenvolvimento intelectual, baseado na justiça, isto é, na igualdade e na liberdade de cada um no trabalho, — este instintivo e desenvolvimento intelectual, baseado na justiça, isto é, na igualdade de todos aqueles que vivem apenas do seu próprio trabalho, não pode evidentemente realizar-se no atual mundo político e social, que se baseia na injustiça e na exploração física do trabalho das massas operárias. Assim, todo o operário sério é necessariamente um revolucionário socialista, uma vez que a sua emancipação não pode efetuar-se senão pela destruição de tudo o que existe atualmente. Ou esta organização da injustiça, com todo o seu repertório de leis iníquas e de instituições privilegiadas, perece, ou as massas operárias se manterão condenadas a uma escravidão eterna.

É este o pensamento socialista cujos germes se reencontram no instinto de cada trabalhador sério. O que se pretende é portanto dar-lhe plena consciência daquilo que ele quer, de fazer nascer nele um pensamento que corresponda ao seu instinto, pois, a partir do momento em que o pensamento das massas operárias seja elevado ao nível do seu instinto, a sua vontade será decidida e a sua força se tornará irresistível.

O que é que impede ainda o desenvolvimento mais rápido desse pensamento salutar no seio das classes operárias? É sem dúvida a sua ignorância, e em grande parte os preconceitos políticos e religiosos pelos quais as classes interessadas se esforçam ainda hoje por obscurecer a sua consciência e a sua inteligência natural. Como dissipar esta ignorância, como destruir estes prejudiciais preconceitos? — Pela instrução e pela propaganda?

São, sem dúvida, grandes e belos meios. Mas, no estado atual das massas operárias, são insuficientes. O operário isolado é demasiadamente esmagado pelo seu trabalho e pelas suas

preocupações diárias para que tenha tempo suficiente para dedicar à sua instrução. Por outro lado, quem fará essa propaganda? Serão alguns socialistas sinceros oriundos da burguesia, cheios de generosidade, sem dúvida, mas que não são suficientemente numerosos para poderem dar à sua propaganda toda a dimensão necessária, e que, por outro lado, pertencendo pela sua posição a um mundo diferente não têm sobre o mundo operário toda a influência que seria necessária e que nele produzem desconfianças mais ou menos legítimas?

“A emancipação dos trabalhadores deve ser obra dos próprios trabalhadores” diz o preâmbulo dos nossos estatutos gerais. E tem razão em dizê-lo. É a principal base da nossa grande Associação. Mas o mundo operário é geralmente ignorante, e falta-lhe ainda, de fato, a teoria. Resta-lhe portanto, apenas uma única via, a da *sua emancipação pela prática*. Qual pode e deve ser esta prática?

É só uma. É a da *luta solidária dos operários contra os patrões*. São os sindicatos, a organização e a federação dos núcleos de resistência.

(L'Égalité. N.º 30, 14 de Agosto de 1869)

III

Se, à primeira vista, a Internacional se mostra indulgente para com as idéias subversivas e reacionárias quer em política quer em religião, que os operários podem ter ao nela ingressarem, não é de modo nenhum por indiferença para com essas idéias. Não podemos acusá-la de indiferença pois que as detesta e as repudia com todas as suas forças, tanto mais que toda a idéia reacionária é a negação do princípio da Internacional, como já demonstramos em artigos anteriores.

Esta indulgência, repetimos, lhe é inspirada pela sensatez. Sabendo perfeitamente que todo o operário sério é um socialista por todas as necessidades inerentes à sua miserável posição, e que as idéias reacionárias, se existem, só podem ser o efeito da sua ignorância, conta com a experiência coletiva que não pode deixar de adquirir no seio da Internacional, e conta, sobretudo,

para o liberar, com o desenvolvimento da luta coletiva dos operários contra os patrões.

E, com efeito, a partir do momento em que um operário, tomando consciência da possibilidade de uma próxima transformação radical da sua situação econômica, associado aos seus camaradas, começa a lutar seriamente pela diminuição das suas horas de trabalho e pelo aumento do salário; a partir do momento em que começa a interessar-se vivamente por esta luta de caráter inteiramente material, podemos estar certos de que em breve abandonará todas as suas preocupações celestes, e que, habituado a contar cada vez mais com a força coletiva dos trabalhadores, renunciará voluntariamente à proteção do céu. No seu espírito, o socialismo toma o lugar da religião.

O mesmo se passará quanto à sua política reacionária. Esta perderá a sua principal base de apoio, na medida em que a consciência do operário se verá liberta da opressão religiosa. Por outro lado, o progressivo desenvolvimento e alargamento da luta econômica lhe fará conhecer, cada vez melhor os seus verdadeiros inimigos, que são as classes privilegiadas, incluindo a burguesia, a nobreza e o Estado, na prática e através de uma experiência coletiva que é sempre necessariamente mais instrutiva e mais larga do que cada experiência isolada; O Estado, existindo apenas para salvaguardar todos os privilégios dessas classes, toma sempre, necessariamente, o seu partido contra o proletariado.

O operário, assim inserido na luta, acabará forçosamente por compreender o antagonismo irreconciliável que existe entre esses lacaios da reação e os seus mais queridos interesses humanos; e, chegado a este ponto, não deixará de se reencontrar e de se afirmar abertamente socialista revolucionário.

O mesmo não acontece com os burgueses. Todos os seus interesses são contrários à transformação econômica da sociedade; e se também as suas idéias lhe são contrárias, se essas idéias são reacionárias ou moderadas, como hoje politicamente se denominam; se o seu coração e inteligência repudiam esse grande ato de justiça e de emancipação a que chamamos a revolução social; se têm horror à real igualdade social, isto é, à igualdade política, social e econômica, simultaneamente; se intimamente desejam guardar para si, para a sua classe, ou para os seus filhos um só privilégio que seja, ainda que o da inteligên-

cia, como fazem hoje muitos socialistas burgueses; se não detestam, não só com a lógica do espírito, mas também com a força da paixão, a atual ordem das coisas, poderemos então estar certos de que continuarão a ser reacionários, inimigos da causa operária durante toda a sua vida. É preciso mantê-los afastados da Internacional.

É preciso mantê-los bem longe, porque só para a desmoralizar e afastar da sua linha, nela poderiam entrar. Há, aliás, um indício infalível pelo qual os operários podem saber se um burguês que pretende ser recebido nas suas fileiras os procura com sinceridade, sem sombra de hipocrisia e sem a mínima intenção de os subverter. Esse indício são as relações que ele conserva com o mundo burguês.

O antagonismo existente entre o mundo operário e o mundo do burguês, toma um caráter cada vez mais pronunciado. Todo aquele que pense conscienciosamente e cujos sentimentos e imaginação não se alteraram devido à influência muitas vezes inconsciente de sofismas egoístas, deve hoje compreender que nenhuma reconciliação é possível entre eles. Os trabalhadores querem a igualdade, e os burgueses querem a manutenção da desigualdade. Uma destrói, evidentemente, a outra. Até mesmo a grande maioria dos burgueses capitalistas e proprietários que têm a coragem de dizer publicamente aquilo que pretendem, não temem manifestar com a mesma franqueza o horror que lhes inspira o atual movimento da classe operária. São inimigos tão decididos como sinceros, nós os conhecemos bastante bem.

Mas há outra categoria de burgueses que não têm a mesma franqueza nem a mesma coragem. Inimigos da revolução (1) social, — que nós exigimos, nós, com todas as nossas forças, como um grande ato de justiça, como o ponto de partida necessário e a base indispensável duma organização igualitária e racional da sociedade, — querem, como todos os outros burgueses, conservar a desigualdade econômica, essa fonte eterna de todas as outras desigualdades; e, ao mesmo tempo, pretendem querer, tal como nós, a emancipação integral do trabalhador e do trabalho. Opõem-nos, com uma paixão digna dos burgueses mais reacionários, a própria causa da escravidão do proletariado.

(1) No original *liquidation* (NT).

do, a separação do trabalho e da propriedade capitalizada ou imobiliária, hoje representadas por duas classes diferentes; e, apesar disso, consideram-se os apóstolos da libertação da classe operária, do jugo da propriedade e do capital!

Enganam-se, ou enganam? Alguns, enganam-se de boa fé, muitos enganam; a grande maioria engana-se e engana simultaneamente. Todos pertencem a essa categoria de burgueses radicais e socialistas burgueses que fundaram a *Liga da Paz e da Liberdade*.

Esta Liga é socialista? No início, e durante o primeiro ano da sua existência, como já tivemos ocasião de dizer, repudiou com horror o socialismo. No ano passado, no seu Congresso de Berna, repudiou triunfalmente o princípio da igualdade econômica. Hoje, sentindo-se morrer e desejando viver ainda mais um pouco, compreendendo, enfim, que é impossível viver politicamente sem colocar a questão social, diz-se socialista; tornou-se socialista burguesa: o que quer dizer, que pretende resolver todas as questões sobre a base da desigualdade econômica.

(...)

(...) Há um indício infalível pelo qual os operários podem reconhecer um falso socialista, um socialista burguês: Se, ao falar-lhes de revolução, ou melhor, de transformação social, lhes disser que a transformação política *deve preceder* a transformação econômica; se ele negar que elas devem ser simultâneas, ou mesmo que a revolução política mais não é do que a aplicação direta e imediata da completa e total transformação social, virem-lhe as costas, pois ou é um idiota, ou é um explorador hipócrita.

(L'Egalité, N. 31, de 21 de Agosto de 1869)

IV

A Associação Internacional dos Trabalhadores, para permanecer fiel ao seu princípio e para não se desviar da única via que pode conduzi-la ao seu objetivo, deve sobretudo precaver-se contra as influências de dois tipos de socialistas burgueses: os

partidários da *política burguesa, incluindo mesmo os revolucionários burgueses*, e os da *cooperação burguesa*, denominados *homens práticos*.

Começemos pelos primeiros.

A emancipação econômica, como já dissemos no nosso número precedente, é a base de todas as outras emancipações. Resumimos nestas palavras toda a política da Internacional.

Com efeito, lê-se a seguinte declaração nos considerandos dos nossos estatutos gerais:

"Que a sujeição do trabalho ao capital é a fonte de toda a servidão política, moral e material, e que, por esse motivo, a emancipação econômica dos trabalhadores é o grande objetivo ao qual deve estar subordinada toda a movimentação política."

É evidente que todo o movimento político que não tenha por objetivo imediato e direto a emancipação econômica, *definitiva e completa* dos trabalhadores, e que não inscreva na sua bandeira, com clareza e determinação, o princípio da *igualdade econômica*, isto é, a *restituição integral do capital ao trabalho*, ou seja, a liquidação social — é um movimento burguês e, como tal, deve ser excluído da Internacional.

A política dos burgueses democratas, ou socialistas burgueses — que, declarando "que a liberdade política é a condição prévia da emancipação econômica", e que entendem por estas palavras que as reformas ou as revoluções políticas devem *preceder* as reformas ou as revoluções econômicas e que os operários se devem aliar aos burgueses mais ou menos radicais para com estes fazerem as primeiras, e não as últimas, por serem contra eles, — deve por conseguinte, ser excluída, sem piedade.

Protestamos veementemente contra esta funesta teoria, que só poderia conduzir os trabalhadores a uma situação em que seriam uma vez mais instrumento contra si próprios e a entregarem-se de novo à exploração dos burgueses.

Conquistar a liberdade política *primeiro*, não pode significar mais do que conquistar apenas a ela, deixando, pelo menos nos primeiros dias, as relações econômicas e sociais no estado em que se encontram, isto é, os proprietários e os capitalistas com a sua insolente riqueza, e os trabalhadores com a sua miséria. Mas uma vez conquistada esta liberdade, diz-se, ela serviria os trabalhadores como instrumento para conquistar mais tarde a *igualdade ou a justiça econômica*.

A liberdade é, com efeito, um magnífico e poderoso instrumento. O problema é saber se os trabalhadores poderiam de fato, dela se servirem, se eles a possuíam realmente, ou se, como sempre aconteceu até agora, a sua liberdade política não seria mais do que uma aparência enganadora, uma ficção?

Se na atual situação econômica se falasse a um operário de liberdade política, este responderia pelo refrão de uma canção bem conhecida:

"Não falem de liberdade:
A pobreza, é a escravidão!"

E, com efeito, é preciso estar cheio de ilusões para imaginar que um operário, nas condições econômicas e sociais em que se encontra atualmente, pode aproveitar plenamente a sua liberdade política e dela fazer um uso sério e real. Para isso faltam duas pequenas coisas: tempo livre e meios materiais.

Aliás, não terá sido isso que vimos em França, durante a revolução de 1848, a revolução mais radical que se podia desejar sob o ponto de vista político?

Os operários franceses não eram certamente nem indiferentes nem estúpidos, e, apesar do maior sufrágio universal, tiveram que deixar os burgueses manejarem. Por que? Porque lhes faltavam os meios materiais que são necessários para que a liberdade política se torne uma realidade, porque continuaram escravos forçados pela fome, enquanto os burgueses radicais, liberais e mesmo conservadores, uns republicanos da véspera, outros convertidos no dia seguinte, iam e vinham, agitavam, falavam, agiam e conspiravam livremente, uns graças às suas rendas ou à sua lucrativa posição burguesa, outros graças ao orçamento do Estado, que naturalmente foi conservado e que se tornou mesmo mais forte do que nunca.

Sabê-se o que daqui resultou: primeiro, as jornadas de Junho; mais tarde, como consequência necessária, as jornadas de Dezembro.

(...)

A Associação Internacional dos Trabalhadores, fiel ao seu princípio, não dará nunca apoio a uma agitação política que não tenha por objetivo imediato e direto a *completa emancipação*

econômica do trabalhador, isto é, a abolição da burguesia como classe economicamente separada da massa da população, nem a nenhuma revolução que, desde o primeiro dia, desde a primeira hora, não inscreva na sua bandeira a *liquidação social*.

(L'Egalité, N. 32, 28 de Agosto de 1869)